

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

BÔAS, Gláucia Kruse Villas. Gláucia Kruse Villas Bôas (depoimento, 2009). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (3h 34min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Gláucia Kruse Villas Bôas
(depoimento, 2009)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: História de vida

Entrevistador(es): Helena Maria Bousquet Bomeny; Karina Kuschnir;

Técnico de gravação: Ítalo Rocha Viana; Marco Dreer Buarque;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 26/06/2009 a 28/09/2009

Duração: 3h 34min

Arquivo digital - áudio: 3; Arquivo digital - vídeo: 2; MiniDV: 4;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto teve vigência de dois anos (2008/2009). Para ter acesso à transcrição e ao vídeo da entrevista [clique aqui](#).

Temas: Atividade acadêmica; Ciência política; Ciências Sociais; Congressos e conferências; Ensino superior; Formação acadêmica; Formação escolar; Governos militares (1964-1985); História de vida; Intelectuais; Intercâmbio cultural; Maria Isaura Pereira de Queiros ; Moçambique; Movimento estudantil; Partido Comunista do Brasil - PCdoB; Repressão política; Sociologia; Universidade Federal do Rio de Janeiro;

Sumário

1ª Entrevista: 26.06.2009 Arquivo em vídeo 1: Origens familiares; lembranças da infância em Recife; a mudança para o Rio de Janeiro; a formação escolar: os hábitos de leitura e a influência do pai; a opção pela Sociologia; a experiência de intercâmbio nos Estados Unidos da América durante o ensino médio; a volta ao Brasil e a opção pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); comentários sobre a entrada na universidade e o ambiente universitário no final da década de 60; lembrança de professores; menção à filiação ao PCdoB em 1968; o envolvimento com o movimento estudantil; a dificuldade de concluir a graduação: transferência da UFRJ para a Universidade Federal Fluminense; a experiência de trabalhos em jornais, como O Globo; perspectivas de um estudante de Ciências Sociais da época (anos 60); a ida para Alemanha. Arquivo em vídeo 2: as dificuldades de adaptação em Bochum e a mudança para Nuremberg; os estudos na Alemanha; a faculdade conservadora e o sistema de ensino da Universidade de Erlangen-Nuremberga; o tema do projeto de doutorado; a transição dos estudos da Alemanha para o Brasil; a volta para o Brasil em 1979; o doutorado e a orientação de Maria Isaura Pereira de Queiroz; a volta ao IFCS como professora; sua participação no grupo da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs); o interesse em uma sociologia dos intelectuais e a influência dos estudos na Alemanha; a vivência da pesquisa na Biblioteca Nacional; a filiação ao Partido Comunista do Brasil (PC do B); a repercussão do documentário Almir Mavignier. Memórias concretas (2006), sobre o pintor brasileiro Almir Mavignier; o interesse por Costa Pinto.

2ª Entrevista: 28.09.2009 Arquivo em vídeo 1: O contato com as ciências sociais em países de língua portuguesa: Angola, Guiné Bissau, Cabo Verde e Moçambique; o “Projeto Moçambique”: a vinda de alunos deste país para estudar no IFCS; comentários acerca da situação de Moçambique no início dos anos 90; as diferenças entre as ciências sociais no Brasil e Moçambique; os alunos moçambicanos e a graduação no Brasil; a influência de Peter Fry no programa de intercâmbio; o início das relações com as ciências sociais dos países de língua portuguesa: a idéia de formação de uma Associação de Ciências Sociais de Países de Língua Portuguesa em 1996; o Congresso realizado no IFCS: a organização e seus resultados; a volta ao Instituto de Filosofia Ciências Sociais (IFCS) como professora na

década de 80; o instituto nos tempos da ditadura ; o Programa de pós-graduação em Sociologia no IFCS; os projetos do Centro de Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que integravam a Sociologia e a Antropologia; opinião acerca da heterogeneidade das ciências políticas em comparação às demais ciências sociais; as diferenças entre fazer o doutorado na época da entrevistada e atualmente; a importância do doutorado; menção ao doutorado tardio da maioria das mulheres. Arquivo em vídeo 2: Diferenças entre as ciências sociais em São Paulo e Rio de Janeiro ; a dificuldade de manter uma instituição acadêmica como o IFCS ; a construção do IFCS nos dias de hoje ; a experiência de presidir um grande congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS); a discussão sobre o ensino das Ciências Sociais no ensino médio; a profissionalização das ciências sociais: questões referentes à licenciatura e pesquisa; avaliação das universidades e do ensino superior no Brasil; os estudos sobre Maria Isaura Pereira de Queiroz e a ideia de pesquisar o campo artístico carioca de 1950; o interesse pela figura emblemática de Maria Isaura e sua obra diferenciada; menção ao livro a ser publicado sobre esta última.

1º entrevista: 26/06/2009

Helena Bomeny – Muito obrigada, Gláucia, é um prazer enorme entrevistar você e ter você nesse projeto. E como é nosso projeto sobre Trajetórias, eu acho que a gente podia começar do começo: ouvindo você um pouco sobre origem, onde é que você nasceu, um pouco da sua família, um pouco da infância que você retém na memória.

Gláucia Villas Bôas – Então, eu nasci em Recife, em 1947, morei em Recife até os 7 anos de idade. Meu pai era médico, trabalhava lá - não era de Recife, nasceu no Ceará. E minha mãe era carioca, mas tinha uma família descendente de alemães que foi diretamente para Recife no início do século XX. Então nasci em Recife, mas nem meu pai nem minha mãe eram de uma família pernambucana. Na realidade meu pai tinha ido estudar medicina em Recife e depois lá se casaram e eu nasci lá e dois de meus irmãos também. O que me lembro dessa primeiríssima infância em Recife é justamente da mudança de governo em 1954, me lembro que eu era criança, mas tive que sair imediatamente do colégio, logo com a morte do Getúlio Vargas, e aí houve uma grande mudança: meu pai veio para o Rio para trabalhar no Serviço Nacional de Tuberculose. E isso é o que mais me lembro, quer dizer, essa mudança muito brusca causada por um fato político e que fez com que ele então deixasse a direção de um hospital - ele trabalhava com doenças infecto contagiosas, sobretudo com a tisiologia (que hoje não se chama mais tisiologia). É o que eu me lembro, o que me vem mais a memória dessa infância.

H.B. – Alguma lembrança de escola nessa época?

G.V.B – Eu me lembro muito pouco. Eu já estava na escola, mas realmente eu não me lembro da escola. Me lembro dessa saída da escola, nesse dia que realmente foi um grande tumulto, e eu me lembro de ter saído da escola, justamente acho que era mês de agosto que isso ocorreu...

H.B. - 24

G.V.B - 24 de agosto. E eu já vim para o Rio em outubro.

Karina Kuschnir – Na verdade porque então seu pai tinha um cargo político, um cargo de confiança político?

G.V.B – Era um cargo de quando... Ele era diretor de um hospital, mas ele na ocasião participava da luta nacional contra a tuberculose, naquela época estavam começando os remédios contra essa doença e de uma certa forma era um cargo político e ele veio então trabalhar com outros médicos que trabalhavam nessa mesma campanha aqui no Rio de Janeiro.

K.K. – E você veio para o Rio para onde, como é que foi?

G.V.B – Bom, aí é uma mudança realmente muito grande que eu me lembro mais porque eu estava numa escola lá em Recife, numa escola pública que se chamava Instituto Recife, e vim morar no bairro do Flamengo, na Rua Paissandu, onde havia um colégio, e existe hoje ainda, o Coração Eucarístico. E era um colégio muito afrancesado e eu não tinha nada de afrancesada, ao contrário. E aí me lembro que foi muito difícil no início, era um colégio laico, não era um colégio religioso, mas ligado a uma ordem religiosa francesa e tive de colocar uniforme de lã, saia pregueada, chapéu, enfim, uma serie de coisas que não existiam antes, que pra mim eram muito, realmente, novas.

H.B. – Mas era uma escola de referência pra sua mãe?

G.V.B – Sim, daí era uma escola de referência para os meus pais e era também perto do prédio onde morávamos, onde fomos morar na Paissandu. Então acredito que aquilo deve ter sido muito prático pra minha mãe, ela estava esperando um outro filho, que nasceu no Rio, então eu terminei o primário nessa escola. E mais não me lembro... Me lembro, eu acho, de brincadeiras com os colegas no prédio - que era estranho morar em prédio, porque eu tinha morado em casa até então e acho que isso afligia um pouco minha mãe; e morar no sétimo andar de um prédio - mas nós costumávamos descer e brincávamos muito, uma coisa que hoje em dia eu acho que é bem diferente, e até com os colegas de escola que moravam ali na mesma rua.

K.K. – E já no antigo ginásio, na escolaridade mais avançada, de alguma forma teve professores que foram importantes na sua formação, que foram te encaminhando talvez para essa área das Humanidades?

G.V.B – Esse colégio Coração Eucarístico tinha somente o primário, então eles encaminhavam para alguns colégios; e era um colégio misto, isso que era interessante: tinha meninos e meninas; e as meninas costumavam ser encaminhadas para o Colégio Santa Úrsula, e aí sim era um colégio religioso e só de meninas. E eu fui para o Santa Úrsula, fiz o exame de admissão naquela época, aos 11 anos, e entrei para o Santa Úrsula. E lá então, em um primeiro momento, não me recordo assim de nenhum professor, mas no final do que nós chamávamos de ginásio eu gostava muito da professora de português; eu gostava mais de línguas - do professor de francês, inglês - e de história. Porque naquela época também depois nós tínhamos que decidir se faríamos o clássico ou o científico. Então eu acho que esses professores... Me lembro da [Dona Tereza Pena], minha professora de português, que eu gostava bastante, e outros professores também: de francês e de inglês, mas nada que tivesse ainda uma influência tão grande; não consigo fazer uma relação desses professores com essa escolha de uma carreira na sociologia. Eu hoje estou falando em carreira, também na minha época, na minha geração - pelo menos em parte dessa minha geração- a gente falava pouco de carreira, mas nada que ligasse à sociologia. O que eu penso hoje é que é possível que a discussão que havia na minha casa a partir do trabalho do meu pai, nesse combate às doenças infecto- contagiosas, e depois ele saiu daqui e foi trabalhar na Organização Mundial de Saúde e isso se expandiu para doenças transmissíveis, a epidemiologia, e tudo isso tinha muito a ver com um interesse mais coletivo de pensar alguma coisa mais coletiva, e de pensar o Brasil porque ele viajava muito; essas viagens eram constantes, muitas, muitas viagens pro Amazonas, pro Centro-Oeste, sobretudo. Eu acho... É possível que... Nós ouvíamos as histórias, nós filhos, ouvíamos sempre as histórias de viagens. E as histórias de viagem eram histórias que estavam ligadas a um combate, a uma doença, a algo coletivo e de uma certa forma sociológico, mas que eu só fui ver muito tempo depois que ele lia Guerreiro Ramos...enfim, tinha...

H.B. – Ele lia?

G.V.B – [riso] Tinha, tem um livro de alguns sociólogos. Mas isso eu nunca me dei conta, nunca me dei conta, só muito tempo depois.

K.K. – Então tem uma biblioteca em casa, como é que era a relação da família em geral com essa...? Vocês tinham...?

G.V.B – Tinha, tinha uma relação com a biblioteca, tinha do meu avô paterno bastante, mas muito ligado a literatura, literatura brasileira, sobretudo. E, sobretudo, a literatura, mais do que qualquer coisa, do que eu me lembro, mais o que... História também tinha, mas era muito ligada a literatura, que era uma coisa que também era comentada em casa. A mamãe lia muito, aliás, nem sempre deixava a gente ler o que queria... Tinha essa, agora me lembrei: muita proibição de leitura. Assim, aos 14, 15 anos, muito, quer dizer, o que você estava lendo: se era *O Crime do Padre Amaro*...

K.K. – Eça de Queirós... [risos]

G.V.B – Eça de Queirós: cortado! Me lembro de outros, que eram autores americanos quando eu estudava inglês, também que era.. Tennessee Williams e outros também: cortados! *O Retrato de Dorian Gray*: cortado! E por aí vai. Só que a gente lia, não é? [riso]

K.K. – Dava mais vontade ainda não é?

G.V.B – Não era tão difícil assim, quer dizer, então, acabava lendo. Mas havia um controle da leitura.

H.B. – Pode ser que tenha sido uma estratégia pra estimular...

G.V.B – É possível... [risos]

H.B. – Então tem um ambiente familiar de uma sensibilidade, você falou, pelo coletivo, pelo Brasil e por viagens, o que vai se refletir muito na sua eleição, digamos, intelectual. Você acha

que você já pode falar quando é que você percebeu que sociologia seria uma escolha? Quando foi...?

G.V.B – Essa pergunta é sempre difícil, não é? Eu mesma também sempre faço para outras pessoas, já fiz entrevistas, sempre fico muito curiosa pra saber como é feita essa escolha; alguns pequenos levantamentos que eu já fiz também incluíram essa escolha, alunos nossos do IFCS... Olha, eu não terminei o colégio aqui no Brasil, eu me candidatei a uma bolsa de intercâmbio com os Estados Unidos, então eu fiz o colegial clássico até uma parte do segundo ano, somente o primeiro semestre, e eu viajei para os Estados Unidos. E lá fui morar numa cidade muito pequena, no Estado de Nova Iorque, em 64.

K.K. – Antes do Golpe? Depois do Golpe?

G.V.B – Foi justamente um pouco depois do golpe, no mesmo ano, em 64.

K.K. – E o golpe foi um evento também que de alguma maneira marcou essa decisão? Ou não?

G.V.B – Não, não tinha absolutamente nada a ver, porque isso era um ano, quer dizer, essa candidatura se fazia um ano antes e eu me lembro, assim, de algumas coisas, do movimento também, evidentemente, de 64, mas nada que tivesse a ver diretamente com essa decisão que, na verdade, tinha sido uma decisão minha; meus pais até perguntaram por que eu tinha feito isso, porque eu queria; sobretudo minha mãe: porque eu queria sair tão cedo... Mas finalmente eles não impediram que isso acontecesse. Então eu saí, acho que eu ia fazer uns 17 anos de idade quando sai, e aí eu tive uma experiência, que também acho que se liga a essa escolha da sociologia, porque eu morava no Rio, numa cidade grande, daí fui morar numa *village* que era uma cidade que tinha 3 mil habitantes.

K.K. – Aonde, Gláucia?

G.V.B – Perto de Syracuse, no Norte do estado de Nova Iorque, já bem perto de Buffalo, bem perto do Rio São Lourenço, perto do Canadá. Lugar muito frio. E eu tive a sorte de conviver com uma família extremamente diferente da minha, num certo sentido. Porque era uma família

que gostava muito de música e muito da natureza; adorava passear, enfim, fiz viagens que *já* fazia, de forma alguma. Sou uma pessoa urbana, pelo menos me considero, sempre vivi em cidades. E lá era uma escola pequena, assim como nesses filmes americanos - não sei se vocês já viram alguns que mostram essas histórias de *High School*. É igualzinho, sem diferença nenhuma: os meninos, as meninas, os que são [INAUDIVEL] e já vão para o último ano; e como é que eles namoravam e todos os hábitos relativos ao namoro. E fora isso o [Charles INAUDIVEL], ele era um dentista, ele era um caçador, então ele ia muito para o Canadá. Então eu fiquei conhecendo muitas coisas de animais: ursos, enfim, não me lembro outros nomes, mas grandes animais que ele mostrava e era interessado por isso.

K.K. – E era o pai da família?

G.V.B – E era o pai da família. E a Bárbara; eu mantive contato muito tempo com eles, ainda hoje mantenho contato com a filha mais velha. A Barbara tinha estudado violino, era totalmente voltada pra música. Embora não trabalhasse, participava de muitas atividades na cidade e fora da cidade ligadas à música. Eu não tinha esses problemas de adaptação. Então a minha roupa que era uma roupa... Eu ia para as festas com salto 4 e meio, 5 e meio, meu cabelo todo arrumado com laquê, e não pude usar nenhuma roupa que levei; foi um verdadeiro ritual: eles me levaram para uma cidade maior, me compraram as roupas adequadas para eu usar para a escola... E eu tinha muita curiosidade de saber como era aquilo tudo, então passei a usar uma outra roupa... Era *muito* frio, realmente, era impossível andar com qualquer roupa que tivesse levado daqui; um inverno muito longo, em geral 8 abaixo de zero; Então experimentei todos os esportes de inverno, por exemplo, todos eles. Também jamais teria feito alguma coisa como esquiar e vários esportes que eles têm perto do rio São Lourenço. Foi curioso, eu gostei do colégio, gostei muito do professor de inglês. E esse sim, o [Mister Paiva], foi uma pessoa que foi muito importante para mim, que era um professor de literatura inglesa. E lá eu li com ele, ele me convidou pra fazer um curso, separado do curso normal, daí estudamos a tragédia grega, estudamos drama, foi muito interessante. Esse professor me marcou bastante com as leituras e com os comentários que ele fazia. Daí na escola também não tive muitos problemas, era um sistema de créditos e muitas coisas que tinham aqui eu não tinha lá: lá tinha francês etc.? Não tinha. Mas tinha outras atividades e eu não tive muito problema na escola, mas eu gostava muito de ficar com a família, sobretudo com o Charles e a Bárbara, eu fiquei muito próxima

deles. Bom, o curioso é que acabou o ano, eu fiquei muito triste e voltei. Mas eu nunca tive vontade de voltar depois para lá, nem para os Estados Unidos nem nada; fiquei muito feliz com a minha experiência, mas muito diferente dos meus colegas - os que tinham ido no mesmo ano e outros dos anos próximos - que sofreram demais e queriam voltar a todo custo. Mesmo alguns que não se deram muito bem, e não tinham se dado muito bem nas suas casas, mas eles queriam voltar. Daí eu não sei o que foi, eu tive que fazer provas no MEC, de português, geografia, história, para ter o meu certificado e eu achei ótimo não ter voltado. Passei meio ano pra tomar essa decisão; eu queria fazer uma faculdade e eu me lembro que muitas das minhas amigas que eu reencontrei na volta foram fazer psicologia. Então o que é que eu guardo na memória? Não sei se foi isso, mas eu acho hoje que eu pensei assim: “Ah, eles vão fazer psicologia então eles vão cuidar do indivíduo” e a sociologia era algo não no sentido assim científico para fazer pesquisa, nada disso tinha surgido ainda, mas no sentido de *melhorar* a situação do Brasil, sobretudo porque eu vinha dos Estados Unidos e havia uma diferença muito grande. Então eu comecei a achar que, de fato, aqui havia uma desigualdade social muito grande, e isso me recorda um pouco, era muito forte, se fez muito forte; talvez por causa também da conversa em casa, aqui, na própria família, então isso apareceu para mim de uma maneira mais forte. E eu me lembro perfeitamente que eu falei assim: “Ah, minhas amigas foram fazer psicologia na PUC...” - eu disse: “ não, eu não vou fazer psicologia na PUC...eu vou fazer sociologia. E não vou fazer na PUC porque eu já fiquei em um colégio católico muito tempo. Eu vou fazer o vestibular para a UFRJ”. E aí tomei essa decisão, quer dizer, são tantos motivos, mas que hoje em dia...

H.B. – E a família não teve nenhuma interferência?

G.V.B – Não, isso que eu estava pensando, foi muito curioso, porque meu pai me chamou [riso] quando eu disse que ia fazer sociologia e ele me perguntou: “você sabe o que é sociologia?”. Eu naturalmente disse “não, não sei...” e aí ele me perguntou “E letras?” - acho que era muito comum - aí eu disse “Não, letras não me interessa.”. Ele não impediu, me disse: “tudo bem”. Eu era a primeira filha e aí eu fiz o vestibular e entrei num mundo muito, muito diferente do que era...

H.B. – Dos Estados Unidos...

G.V.B – [risos] Bastante.

K.K. – Glaucia, você comentou assim: “Então resolvi que eu ia fazer faculdade”, quer dizer, de alguma maneira isso significa que era uma opção não fazer faculdade?

G.V.B – Tinha algumas colegas que foram fazer música, não entraram para a faculdade, mas que já vinham estudando; tinha duas colegas, uma que estudava flauta, outra piano e que não foram para a faculdade. E também não havia essa pressão na minha casa, não havia certamente, nem do meu pai, nem da minha mãe. Naturalmente com meus irmãos depois, houve. Mas comigo e com a minha irmã, não.

E.B. – Você acha que é por idade ou por gênero essa pressão?

G.V.B – Eu acho que a pressão era mais por gênero do que...

K.K. – O que fizeram seus irmãos? Quais foram as escolhas?

G.V.B – A minha irmã fez letras [riso], o meu irmão fez Farmácia e o outro fez Arquitetura.

K.K. – E ninguém foi pra medicina, como seu pai?

G.V.B – Não, ninguém foi pra medicina. Só que ambos trabalham em áreas muito próximas, na área da saúde. E o Flávio fez Arquitetura em saúde, no fim das contas, fez pós-graduação nessa área e Glauco também faz todo um trabalho que está ligado também à área de saúde, ligado a farmacologia, mas à saúde também.

K.K. – Antes de a gente entrar na faculdade, claro que é o interesse principal, mas... Você menciona como seu pai traz temas importantes para dentro de casa. Além de ouvir as histórias, por acaso, ele levava vocês também para esse contato mais direto, vamos dizer, com o hospital, ou com uma viagem a um determinado local da cidade que tivesse... Havia também esse contato mais físico com a situação da doença, da pobreza...?

G.V.B – Não havia nos hospitais, porque eram doenças contagiosas. E o que me lembro é que havia uma questão da assepsia, por exemplo, do meu pai quando ele chegava desses lugares porque não havia remédios ainda, muitas delas não tinham cura. Se hoje reclamamos do controle, naquela época era muito mais grave. Mas ele tirava muitos retratos, muitas fotos, nós vimos *muita* coisa do Brasil através das fotos, desde pequenos. Me recordo muito, mas um contato próximo, assim, de levar... Ele gostava de viajar, nós viajamos, mas não eram viagens, digamos assim, viagens, se a gente fosse pensar numa viagem de campo, não seria nesse campo para onde ele tinha se deslocado. Isso não fizemos, mas viajavamos, tínhamos muita...

H.B. – De qualquer maneira a experiência vinha a casa. Pela imagem, pela conversa, pelas fotos, não é?

G.V.B – Vinha muito.

H.B. – Então, é. Esse contato era... Mas que ambiente era esse da universidade, que foi uma quebra tão grande? Porque de alguma maneira uma sensibilidade pela política, pelo coletivo, você tinha em casa e uma experiência intelectual, de interesse você prolongou com a família americana. O que havia de extraordinário na universidade nesse momento.

G.V.B – [riso] Essa pergunta eu acho... Não sei qual serão as outras, mas eu acho que talvez seja a mais difícil de responder. Primeiro, eu quero dizer que eu tive esse... *Hoje*, quer dizer, tem algum tempo que eu venho pensando muito nisso: nas minhas escolhas - porque eu acho que faz parte também da minha idade pensar nas escolhas, eu tenho já alguma vida, bastante vida atrás; mas, por exemplo, outros dos meus irmãos também tiveram isso, nós nos encontramos, pensamos sobre isso. Mas as relações, as escolhas não se deram exatamente por isso. Só queria dizer que, não sei por que, nem todos escolheram da mesma forma.

Olha, a faculdade eu prefiro falar de uma maneira bem, assim... descrever exatamente e vocês podem tirar as conseqüências. Eu vou contar o primeiro dia. A Faculdade Nacional de Filosofia - que ainda era a Faculdade Nacional de Filosofia - onde estava o curso de ciências sociais. E ela funcionava ali onde é hoje a Casa da Itália, ao lado da *Maison de France*, numa avenida que cruza ali a cidade...

H.B – Antônio Carlos...?

G.V.B – Antônio Carlos, na Avenida Antônio Carlos. E, bom, eu cheguei, era o meu primeiro dia de aula, e havia um conjunto de alunos cantando - eu nem sabia qual era a musica ainda, mas era internacional, mas eu não sabia que era internacional, só soube depois - e via uma figura de um senhor já de cabelos brancos, descendo e passando rapidamente entre os alunos. Ele descia de uma escadaria - tinha uma escadaria, tinha um elevador - era o Pedro Calmon. E eu ainda não conhecia nada, não tinha uma colega, uma amiga que tivesse feito o vestibular comigo, tinha ficado fora também. E eu achei aquilo muito estranho e eu adorava uma ordem [riso], achei aquilo muito desordenado. Claro, não tive aula e fiquei conversando na porta da faculdade, porque não tinha outra coisa pra fazer [risos]. Tinha a livraria francesa, que não existe mais que é do lado, tinha um barzinho que todos nós íamos, quer dizer, depois, e tinha a *Maison*. E era isso, aquele quarteirão era isso, tudo acontecia ali. Bom, então no primeiro ano de faculdade eu entrei realmente em contato com vários grupos do movimento estudantil, vários grupos ligados a partidos, outros que não eram ligados a partidos, que eram ligados somente a centros acadêmicos e fui me interagindo, como outros colegas também. E daí começaram as lutas estudantis todas, que foram nessa época: 66, 67,68. Eu sempre penso que essa geração que entrou nessa época - não sei se é uma geração - mas esse grupo que entra nessa época é *muito* diferente daquele que entrou antes de 64; a vivencia política *muito* diferente. E depois em contato com outros colegas... Mas é uma vivência muito diferente: os partidos muito diferentes, os objetivos do movimento estudantil eram muito diferentes, as aulas, enfim, havia uma diferença muito grande. Então eu me considero dessas... alunos que entraram depois de 1964 na Faculdade Nacional de Filosofia. Não tenho nenhuma ligação com a Faculdade Nacional de Filosofia até porque o desmembramento foi no ano seguinte, foi em 1967, e o que era Faculdade Nacional de Filosofia virou o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais que nós conhecemos hoje. De modo que sei que houve grupos, amizades, mas eu não compartilhei disso. Isso do ponto de vista político. Do ponto de vista das aulas, do ponto de vista do currículo, do ponto de vista do que eu aprendi e do que eu gostava: nós não tínhamos sistema de créditos, então estudávamos sociologia, antropologia, ciência política, havia estatística, matemática, geografia, história... Eu gostava de muitos professores, tive muitas boas aulas e outra coisa que acho que teve a ver com minha trajetória, que me marcou, foi o fato de ter feito antropologia

com a Dona Marina São Paulo de Vasconcellos. E a Dona Marina dava um curso em que ela começava com os cronistas. E isso foi uma verdadeira maravilha para mim, eu achei maravilhoso. E dos cronistas, ela dava outros autores e eu me lembro que chegávamos até a “fricção interétnica”, do Roberto Cardoso de Oliveira. Isso foi o curso que mais me marcou, que eu me lembro mais. Quer dizer, esse curso e o curso de “sociologia do trabalho”, do Evaristo de Moraes Filho, que era extremamente simpático na turma e nós, alunos, conversávamos muito com ele, fomos a casa dele, conhecemos a biblioteca dele, enfim, ele era muito próximo, o Evaristo. Os outros professores, eu me lembro, por exemplo, da Moema Toscano, foi minha professora de Sociologia II; Me lembro do Manuel Mauricio, era professor de história - historia eram ótimos professor, de História do Brasil, História Geral . E a minha vida nesses primeiros anos de formação era uma vida em que mesclavam realmente as lutas estudantis contra a ditadura, e nos éramos muito próximos dos professores, não de todos, mas de alguns professores éramos muito próximos. Também líamos, não líamos tudo evidentemente, eu me lembro que eu lia muitas outras coisas, li Marx e muitas outras coisas, mas eu li para alguns cursos, algumas leituras que me lembro até hoje, mas, sobretudo do Evaristo, que dava Max Weber, então dava [riso]: “A ética e o espírito capitalista”, foi meu primeiro contato que eu tive com livro foi com Evaristo; e me lembro bem: Hans Staden, tudo... Eu gostava muito dos cronistas, e acho que é porque eu acabei fazendo um trabalho sobre isso, pra essa matéria, então isso ficou marcado...

K.K. – Tinha monografia nessa época, no final de curso?

G.V.B – Não, não tinha monografia.

K.K. – Como é que ficou seu diploma, então?

G.V.B – Não, aí tem mais. Porque aí foi bem atrapalhado [riso]. Daí eu realmente participei do movimento estudantil, me liguei a um partido e ai eu tive que sair do IFCS, -já era IFCS- eu acho que foi meados de 1968.

K.K. – Qual partido?

G.V.B – Era o PCdoB. Daí eu sai em 1968 e mudou minha vida inteiramente; eu me casei, o meu ex-marido estava muito, muito, muito envolvido e nós, na verdade, nem saímos do Rio, mas a locomoção foi muito restrita, extremamente restrita. E logo conseguimos depois - o que era muito difícil - mas entramos num sistema de créditos da UFF - e eu já estava pra terminar o curso, que era de quatro anos, eu já tinha feito a maior parte das matérias. Mas eu não me formei na UFRJ e um tempo depois, eu e ele entramos para a UFF, acho que foi em 71,72, daí eu terminei o curso na UFF. Quando eu terminei o curso ele foi preso, então minha vida teve muita reviravolta devido a essa minha participação política no movimento estudantil.

H.B. – Então a gente vai voltar a isso, mas de qualquer maneira tem 66/71. Em 75, você vai pra Alemanha. Então a gente tem um...

G.V.B – Exato, tem esse intervalo difícil...

H.B. – Mas talvez antes você pudesse dizer por que foi tão difícil compor o curso depois: para se formar, para... Porque quando você vai pra Alemanha, você já tinha completado.

G.V.B – Tinha. Eu fui em 74, final de 74 para a Alemanha. É muito difícil quando você faz o curso seqüencial, você ter o sistema de créditos, porque você tem o curso, por exemplo, sociologia I, você tinha um curso durante um ano... Você perguntou sobre a monografia: não tínhamos monografia, mas tínhamos uma prova final; tínhamos uma prova no primeiro semestre e tínhamos uma outra prova no final do ano e às vezes eu acho que tinha uma recuperação, não me lembro muito bem. O curso, por exemplo, o currículo da Sociologia I e da Sociologia II não contemplava os clássicos da sociologia: por exemplo, como hoje o Marx, o Weber, o Durkheim, nós descortinávamos a teoria sociológica norte-americana, francesa... Eu me lembro do Gabriel Tarde e de Durkheim... Eram cursos que descortinavam um pouco o panorama da sociologia, não era nessa época, ainda não havia esse foco no currículo. O sistema de créditos, como tudo novo que se instala, é difícil; todo começo é difícil, a instituição efetiva não só de um currículo, de um curso, como nós sabemos, eu acho que de qualquer novidade institucional ou de outro porte... É difícil você *instituir* alguma coisa. Então quando eu passei e conseguimos nos inscrever - eu e meu marido - na UFF, não havia aquele curso mais de um

ano, então havia só um curso muito [riso] fragmentado. Eu me recordo que eu não tinha feito matemática e estatística [riso].

H.B. – E era um dos primeiros.

K.K. – [risos] Você estava tentando se livrar.

G.V.B – Tentando me livrar sempre! Me lembro bem dos nossos professores. E bom, aí eu tive que fazer matemática e tive que fazer estatística na UFF. E eu me lembro muito pouco da UFF. Eu tinha tido uma filha, enfim, estava muito feliz; tinha tido a Luciana. Então eu ia [risos] fazia matemática e estatística, mas mais também não precisávamos porque o que tinha sido feito anteriormente já valia, era incorporado, e havia uma certa simpatia também lá na UFF e ... terminamos.

K.K. – Sem entrar muito nesse tema da política, mas é interessante que mesmo esse seu envolvimento - que você classificou como muito intenso, muito forte - teve um casamento, teve filho e teve a vontade de se formar, quer dizer, terminar o curso não era irrelevante e por parte de vocês dois. Então você vislumbrava já nesse momento alguma, vamos dizer assim, alguma consequência dessa formação? Não vou nem dizer profissionalização [riso], seria talvez anacrônico, mas... Ou era se formar o importante? Ou tinha uma pressão da família pra que a política não se tornasse tão...? Enfim, como é que essas 3 coisas conseguiam conviver e...?

G.V.B – As coisas ficam um pouco misturadas, mas eu vou tentar deixar da maneira mais clara que me é possível. Eu tinha o sentido de terminar o curso – eu acho que o Lucio, meu ex-marido, também - tanto é que nós conseguimos de alguma forma, não foi fácil, absolutamente, terminar o curso na UFF. Isso dependeu de muito conhecimento, de conversa, de pessoas que estavam na UFF que aceitaram. Fomos nós dois e mais dois colegas que tínhamos tido problemas que aceitaram, digamos...

K.K. – Vocês foram convidados a se retirar do IFCS? Ou foram impedidos de continuar?

G.V.B – Isso que eu também queria deixar claro: eu não cheguei a ser enquadrada no decreto 477 porque o que aconteceu foi que eu fui procurada pelos órgãos de repressão e eu tive que sair e eu não podia mais voltar nem para a minha casa e nem para o IFCS. Então logo em seguida a isso, vários colegas meus foram enquadrados no 477. Como eu não tinha sido enquadrada, eu também pude voltar para a UFF, embora não fosse alguma coisa muito fácil. Por isso que tem esse tempo. Mas curiosamente, eu pude trabalhar, então fui trabalhar no *Correio da Manhã*. É um pouco difícil de entender o que acontece quando você tem uma luta política numa cidade e você é perseguido, porque você está na cidade. É como aquele conto do Edgar Allan Poe. Você está numa cidade: você não pode voltar pro IFCS - que tinha saído da Marquês de Abrantes e tinha ido para o Largo de São Francisco - não podia nem pisar, nem chegar perto -todo mundo avisava, inclusive - e tive que largar a casa onde eu morava - fomos para uma outra casa...Mas eu trabalhava na Gomes Freire, no *Correio da Manhã* [riso]. Eu tinha uma circulação muito restrita, mas não me impediu de trabalhar. Depois que eu não pude mais cursar a faculdade, houve um conjunto de pessoas que... a Niomar tinha arrendado o jornal justamente nessa época, a Niomar Sodré, ela tinha arrendado o *Correio da Manhã*. Então houve esse *Correio da Manhã* modificado - que também não durou muito - recebeu algumas pessoas, justamente pessoas que tinham tido, de formas diferentes, problemas políticos. E eu fui trabalhar. Inclusive era ótimo porque fui trabalhar numa editoria de cultura [riso] - educação e cultura - com pessoas muito jovens como eu. E eu me lembro que era o Reynaldo Jardim que fazia toda a diagramação do jornal, enfim, era uma verdadeira maravilha. Então quando e estava no jornal a minha vida era uma vida dura, mas ali, por exemplo, estava ótimo [riso]. Então é difícil falar, não sei se estou deixando claro ou se está ficando claro... Não só eu, mas outros colegas também que viviam na mesma cidade... É claro que depois houve procurados novamente e isso sempre modificava novamente... E nessa ocasião meus pais não estavam aqui, eles estavam morando em Washington, de modo que eu... Uma vez meu pai me perguntou, logo no início, se eu não queria ir... Eu fui ainda, fiquei lá um mês, mas decidi voltar. Então, a família se preocupava muito, naturalmente, meu pai não gostava de nada do que eu tava fazendo, mas eles não estavam aqui durante esse período.

K.K. – É interessante que, não só você, mas alguns sociólogos dessa época foram para os jornais: O Jornal do Brasil, tinham vários... A Lygia Sigaud, por exemplo...

G.V.B – A Lygia eu me lembro...

K.K. - Era uma opção até, vamos dizer assim, possível, essa ida pro jornalismo, ou foi realmente uma contingência da situação que você se encontrava?

G.V.B – Foi possível porque primeiro não havia... Agora está sendo rediscutida novamente a questão da profissão do diploma. Eu me lembro que até nesses primeiros anos não havia essa exigência e logo depois, durante um ano, dois anos depois, aqueles que estavam no jornal podiam ter, eu tive o registro de jornalista porque quando veio a lei de que precisava ter o registro, aqueles que já estavam tinham direito. Mas enfim, não havia, eu acho que isso, de uma certa forma, facilitava e eu acho que o jornal ele absorvia pessoas jovens. Acho que até hoje isso existe, não sei mais exatamente como está, é diferente... E também havia uma situação política dentro dos jornais, quer dizer, tanto no *Jornal do Brasil* como no *Correio da Manhã*; e depois eu trabalhei no *Globo* ainda, trabalhei um ano e pouco no *Globo*. Havia dentro do jornal, digamos, um certo acolhimento de pessoas que tinham tido uma participação política ou ainda participavam politicamente. Havia internamente, inclusive no *Globo*, a ponto de ter informações, de avisar pessoas que poderiam ser presas, isso existia dentro do jornal, então eu acho que alguma simpatia, talvez, ou um acolhimento daqueles que estavam naquele momento nessas lutas contra a ditadura. Eu tenho a impressão porque os que entraram no *Correio da Manhã*, os que entraram no *Jornal do Brasil*, e depois mesmo os mais jovens que entraram no *Globo*, mais ou menos na minha época - não todos -, e, sobretudo, no *Correio da Manhã* eram pessoas que tinham tido uma participação política.

K.K. – O Gabeira estava no arquivo do *Jornal do Brasil*, não é?

G.V.B – Pois é, era o [INAUDÍVEL]

K.K. - E os seus colegas da antiga Faculdade Nacional de Filosofia, do IFCS, quais eram as perspectivas daquela época para um estudante de ciências sociais? Você seria capaz de reconstituir ou está tão distante?

G.V.B – Eu fiquei muito distante da minha turma porque quando eu saí do Instituto vim trabalhar no jornal e depois vários eventos ocorreram na minha vida até familiar: depois tive outro filho, tive dois filhos, tudo um pouco nessa época. E eu não me lembro das expectativas desses meus colegas de turma ou da turma anterior, ou da turma que era uma turma de 65. A turma de 65, eu me lembro que era considerada uma turma muito promissora: era a turma da Yvonne Maggie, era a turma do Gilberto Velho, da [Elia Cardoso] [Manuel Sanches], enfim, vários que ficaram dentro das ciências sociais. Mas essa era a turma que tinha entrado um ano antes da minha. A minha turma era uma turma mais combativa [riso], então muita pessoas saíram e não sei... Poucas, não tenho uma recordação de quem efetivamente ficou na sociologia ou na antropologia.

H.B. – E depois tinha um quadro também de pós-graduação muito incipiente, então, não havia esse direcionamento tão claro...?

G.V.B – Não, não havia, as pessoas ficavam na própria UFRJ - alguns desses colegas que conhecemos ficaram na UFRJ -e outros ficaram na UFF, também, na PUC - eu conheço pouco do curso da PUC - e eu me lembro, sim, que cheguei até a visitar numa época que os cursos de pós-graduação estavam... Aliás, todos dois, quer dizer, tanto o Museu Nacional, eu comecei a fazer, quase fiquei [risos] lá no programa do Museu, mas também por razões políticas eu não pude fazer a última prova e já tinha passado...

K.K. – Você diz o mestrado?

G.V.B – É, pra fazer o mestrado no Museu...

K.K. – Em antropologia.

G.V.B – É, agora estou me lembrando, em antropologia social.

K.K. – E a Marina estava lá.

G.V.B – Não. Era o Roberto DaMatta e o Otávio Velho: uma banca, eu me lembro. O Roberto DaMatta, Otavio Velho e não sei, uma outra pessoa... E eu me lembro que no meio daquela confusão toda, pensei “eu não quero ser jornalista”, porque eu tinha aprendido muito no jornal, aprendi muita coisa na redação, na reportagem, na edição. E eu queria voltar a estudar então eu me lembro que eu fiz isso, mas não pude completar que fiquei sempre... Até hoje me lembro bastante, que não pude voltar.

K.K. – Você chegou a fazer cursos, então?

G.V.B – Não, não voltei mais.

K.K.- Você fez a seleção mas não pode entrar?

G.V.B – Não pude começar. E também visitei o Iuperj, eu me lembro disso, que era justamente... Isso eu acho que era um pouco antes, não me lembro a data, por aí, mais ou menos, vocês devem ter...

K.K. – Foi criado em 1969.

G.V.B – Eu me lembro do Iuperj sendo criado e me lembro do programa do Museu. E me lembro de ter feito isso na época, mas não dei continuidade.

H.B. – Eu acho que a gente vai voltar a isso, mas esse é um período que você já está se encaminhando pra fazer o aperfeiçoamento na Alemanha... Você quer contar um pouquinho como é que foi esse contato? Como é que você chegou lá?

G.V.B – Tudo por questões políticas, não é, Helena? Eu fui para a Alemanha, fui com a família - eu já tinha os dois filhos pequenos - mas por questões inteiramente políticas, porque depois meu ex-marido ele foi indiciado num processo, quer dizer, depois que ele foi solto ele teve que responder ao processo; ele teve muitos problemas de saúde, devido a tortura mesmo na prisão; e nós não podíamos sair muito do lugar devido a isso. E nessa luta política há um momento, pelo menos houve, pra mim, em que ou você continua e aí tinha que entrar na clandestinidade...

Porque, na verdade - isso às vezes eu conto para os mais jovens - era uma semiclandestinidade. É bom ler o Simmel pra isso: *A Sociedade Secreta, O Segredo*. Porque você vive algo que é um segredo, mas você convive com os outros, você não está fora da convivência com os outros, só que isso às vezes chega a um nível mais denso. Então o que ocorreu é que depois de ele ter sido julgado e absolvido, ele foi indiciado em outro processo, eu fui indiciada em um processo e aí realmente você se sentia mais cercada. Eu nunca quis entrar na clandestinidade, então isso pra mim não entrava em cogitação. Eu já tinha vontade de voltar a estudar e também não queria ficar no jornal, isso era muito claro. Aí através de contatos - porque isso da saída é complicado também, não é muito fácil - e essa possibilidade de ir pra Alemanha surgiu. Surgiu através da Igreja Luterana que realmente não só aqui no Brasil, mas também depois no Chile, ela tinha um programa para esses jovens que tinham participado politicamente e que tinham problemas. Ela tinha um programa efetivo e foi através desse programa da Igreja Luterana que nós saímos daqui em 74.

H.B. – E a Igreja apoiava a permanência lá? Porque também era um país que você não tinha familiaridade.

K.K. – Vocês não falavam alemão?

G.V.B – Familiaridade nenhuma. Não, não falava.

Pausa para troca de fita.

H.B. – Gláucia, nós então vamos desembarcar na Alemanha, quero saber como é que você desembarca na Alemanha sem falar alemão, com dois filhos pequenos, muito, suponho, e pra fazer o quê? Você já sabia que ia pra fazer um curso de sociologia ou o que era o “desembarcou”?

G.V.B – Não, eu desembarquei na Alemanha com dois filhos, ex-marido, mas tinha a Igreja e ela tinha um setor que realmente recebia não só os estudantes que tinham tido problemas políticos, mas era também um programa que existe até hoje de bolsas para estudantes

estrangeiros. Mas naquela época realmente havia um pastor que cuidava desse setor ligado a quem tinha problemas não só na América Latina, mas também na África e na Ásia. Então nós fomos recebidos, e fomos morar na cidade de Bochum que é uma cidade que fica em *Ruhrgebiet*, que é a antiga zona carbonífera da Alemanha, que vocês podem imaginar; é uma região perto do Reno, entre Colônia e *Düsseldorf*. É uma região muito triste, muito feia, que era uma região voltada para o carvão, para as minas e também para as grandes empresas como Krupp, etc. - tem a Vila Krupp, em Essen, enfim... mas muitas ruas sem árvores, eu me lembro disso, não sei se já estão arborizadas, mas era a cidade de Bochum. Tinha uma Universidade nova, recém criada, depois da Guerra, e Bielefeld que hoje é uma Universidade que está despontando em muitas... Luhmann era de Bielefeld... Era bem perto. E também era uma Universidade criada depois da Guerra. Bom, então nós chegamos lá, mas fomos assim, bem recebidos, porque enfim, também as pessoas falavam inglês - uns falavam espanhol, português - e havia um curso de alemão. Não havia nenhuma pressão para que você fizesse isso ou aquilo. O que nós tínhamos? Uma bolsa - era uma bolsa só: eu não tinha bolsa -, um lugar para morar - que era dentro desse pequenino campus que ficava bem próximo da Universidade, mas que era um campus da Igreja Luterana, desse setor que cuidada desses estudantes. E lá havia escola, creche pra criança, tudo muito prático, tudo muito perto: máquina de lavar, máquina de secar - tudo muito moderno. Pequeninho, muito moderno, quer dizer, não havia essa... Bom... Eu tinha morado nos Estados Unidos, meu marido tinha morado na França e depois na Bélgica durante muito tempo, então não houve um impacto de você chegar como havia colegas meus que depois chegaram e tiveram um impacto muito maior. Eu acho que isso fez uma diferença. E o fato de poder falar essas línguas também: inglês e francês. Daí a vida era difícil no sentido de que Bochum era um lugar de encontro para todos que estavam exilados em Paris e Berlim. O ponto de encontro era a cidade de Bochum, por causa das linhas de trem, e também Bruxelas. E isso era muito difícil. Foi muito difícil pra mim, porque havia muitos encontros, encontros na minha casa, encontros na casa de outras pessoas e eu achava tudo muito triste. E havia sempre uma lembrança do que tinha sido, do que poderia ter sido e uma discussão que se fazia renovada lá das diferentes posições políticas daqui, que eram levadas pra lá - que achava naquela época muito deslocadas.

H.B. – Você já achava?

G.V.B – Eu achei na época. Vivemos lá, não vivemos nem seis meses, vivemos cinco meses porque aquilo me entristecia demais e havia casos muito difíceis, dramáticos, de suicídio... muito, muito difícil, achei isso muito difícil. Daí começamos a ver... algumas pessoas pediam para que esse setor encaminhasse alguns professores que estivessem interessados em ter alunos estrangeiros como se fosse um estudante então já não com essa, digamos assim, marca de pessoa exilada que vai pra lá, etc., que tem restrições. Eu estudei um pouco de alemão, não pude estudar muito, porque as crianças eram pequenas então... A minha filha era maiorzinha, sabia já português, ela ficou no colégio; o outro, o Pedro, era muito criança e não se adaptou à creche; e eu fiz um curso de alemão... Tinha um professor que eu gostava muito pela manhã [riso], eu não fazia os deveres de casa e eles começaram a reclamar que a [Frautinha] que fazia os deveres de casa e aí eu dizia “Ah, acho que eu não posso mais fazer dever de casa” e comecei a conhecer a cidade, que foi muito bom. E tinha uma colega do Chile que também não conseguia fazer [risos], então nós duas saíamos com as crianças e eu comecei a gostar de ter uma liberdade, de fazer uma coisa inteiramente diferente e saía muito, realmente.. conhecer um pouco mais da vida do lugar.

K.K. – Mas vocês saíam da sua cidade para onde?

G.V.B – Íamos para Colônia! Saíamos de trem [riso]...

K.K. – Não, mas eu digo, vocês ficaram só cinco meses nessa cidade, mas foram quatro anos na Alemanha, não é ?

G.V.B – Aí nós fomos pra Nuremberg.

K.K. – Ah, aí foram pra Nuremberg?

G.V.B – Fomos para Nuremberg. Mas aí já fomos pra Nuremberg... Eu ainda não, mas o Lucio já tinha feito contato com esse professor, Hanns-Albert Steger, que tinha acabado de receber uma cátedra e estava querendo justamente formar seu grupo de doutorandos. Isso também foi uma, digamos, uma...

H. B. – Uma coincidência.

G.V.B – Uma coincidência. Então ele saía de Bielefeld - ele tinha sido aluno do [Helmut] Schelsky que estava nessa turma do Luhmann - e tinha essa posição, uma posição mais conservadora dentro da sociologia na Alemanha e que não era uma posição marxista porque na Alemanha também existia essa diferença e o Steger claramente não pertencia a esse grupo. Mas de fato acolheu pessoas de diferentes matizes, diferentes posições políticas e acabamos indo para Nuremberg - aí sem o apoio tão próximo que a Igreja dava. E Nuremberg era como se você estivesse mais sozinho, mais livre. E ele nos ajudou, o assistente, dois assistentes nos ajudaram a nos instalar. Na Alemanha também é comum que muitos ajudem a fazer a mudança, então amigos de Bochum nos ajudaram nessa mudança, foram até Nuremberg conosco, de carro, com coisas que levávamos para lá para o apartamento... Isso é comum entre eles. Bom, lá chegando, no primeiro ano eu não pude fazer muita coisa e depois eu acho que eu tinha que fazer uma prova de alemão. Todo estudante estrangeiro tem que fazer uma prova de alemão aí eu estudei um pouco mais de alemão, fiz a prova e passei e pude me matricular. O sistema é inteiramente diferente, é completamente diferente houve muitas modificações recentes. E eu estudei numa faculdade extremamente conservadora, a Universidade de Erlangen-Nuremberga - é uma Universidade muito antiga, acho que do século XV ou XIV, depois ela foi se modernizando e está se modernizando cada vez mais. Mas este lugar exatamente onde eu fiquei, que era a Faculdade de Ciências Sociais e Economia, era onde tinha professores mais conservadores e onde se cumpria o ritual das diversas aulas, das grandes aulas, dos seminários, um passeio com professor é considerado uma aula, o que eles chamam de [private] - quer dizer, se você reúne dois ou três alunos com professor aquilo está também previsto na programação do semestre. Há uma variedade de tipos de aula e nesse nível já do doutoramento você não tem uma obrigação de ter um currículo. Você escolhe as matérias que você quer fazer de acordo com os professores orientadores - que é um professor principal e dois outros co-orientadores -. São três professores em três matérias e você escolhe. Você podia escolher, por exemplo, sociologia e francês. Essa era uma grande diferença, tinha uma segunda co-orientação para o francês, sociologia, estatística, por exemplo, então você tem três. Em geral, você conversa com seu professor orientador principal e isso se dá a partir do seu projeto. Mas é bem diferente, e alguns lugares permanecem assim, nem todos estão muito mudados.

K.K. – E qual era o tema do seu projeto?

G.V.B – É curioso porque meu primeiro tema não tinha nada a ver com nada. Eu queria estudar as mulheres, o que seria gênero hoje [riso]. Não tinha nada a ver com o que eu fui fazer. Eu me lembro que tinha esse primeiro projeto e depois eu mesma não fiquei muito animada.

H.B. – Você nem formulou, então?

G.V.B – Não, eu tinha escrito, tenho escrito, eu escrevi.

H.B. – Mas não tinha [termo] nesse momento?

G.V.B – Não, não... Eu tive que fazer, por exemplo...eu tive que fazer mais dois anos e eu não tinha obrigatoriedade, mas eu tinha que estudar dois anos para ter a licença pra fazer o doutoramento. E nesses dois anos eu escolhi algumas aulas, também me desinteressei. Daí depois eu queria estudar o Max Weber também numa época e aí eu me lembro que o Steger me desencorajou inteiramente e disse: “Existem milhares de trabalhos sobre Max Weber, você não vai acabar isso nunca!” – falou claramente. Daí me desencorajou por completo. E ele era um homem que conhecia muito sobre América Latina e a gente tinha um curso sobre intelectuais, sobre os... ele estava nessa linha. E, afinal de contas, o meu projeto lá de doutorado era sobre o Gilberto Freyre, focando no *Casa Grande e Senzala*, e fazendo uma comparação com um autor alemão que também na década de 30, em 33, escreveu sobre o Amazonas – era a *Trilogia do Amazonas*. Era, mais ou menos, para comparar essas duas obras.

K.K – Uma coisa que é difícil da gente entender, Gláucia, pelo seu *Lattes*, enfim, pela... Que você faz isso, depois fica como professora visitante nesse mesmo período, depois que você vem fazer doutorado no Brasil. Como é que é isso? Você chega a ter um título, então, pela Alemanha que não vale no Brasil? Foi isso que aconteceu?

G.V.B – É bem complicado passar... Quer dizer, os estudos que você faz lá...

K.K – Se você puder resumir um pouco...

G.V.B – É, vou resumir muito, muito, muito rapidamente o que aconteceu. Quer dizer, eu fiz os dois anos, eles reconheceram... Na Alemanha não tinha mestrado como aqui – agora já está até mudado isso. Você fazia a graduação, ao término da graduação você fazia, na área das ciências humanas, uma [INAUDÍVEL]- é um trabalho escrito. Ou então o diploma é [INAUDÍVEL] em outras áreas. Depois você tem que ter uma licença para fazer o doutorado. Então eu tinha essa licença para fazer esse doutorado. Obtive fazendo cursos, mas sem nota, só cursando. E o que aconteceu na volta.... Nos últimos anos o Steger me chamou – e ele chamava os outros doutorandos também – para dar algumas aulas que eram ligadas à cultura brasileira. E por isso... Se chama “Professor Encarregado de...” - é um nome comprido, mas eu sei que tem alguma coisa como: “Professor Encarregado de Aulas...” - ligados a uma cátedra. Porque era sistema de cátedra e continua sendo sistema de cátedra lá. Então ele me convidou, eu acho que eu dei um ou dois cursos – acho que dei dois cursos - já no último ano. E, bom, quando houve a abertura eu quis voltar logo. Eu não queria ficar lá...

K.K – [essa data tem a ver com...]

H.B. – 79.

G.V.B – 79... E aí foi curioso porque eu tinha conhecido Maria Isaura [Pereira de Queiroz] através do Steger, num seminário na Áustria. E tinha um artigo que eu tinha escrito, um dos meus primeiríssimos, sobre cultura e ideologia e já com algumas questões do trabalho. E a Maria Isaura... eu conversei com ela e ela disse: “Eu quero levar seu trabalho, que eu estou interessada nisso”. E ela trouxe aqui para o Brasil. Daí em 79 eu comecei uma correspondência com a Maria Isaura.

H.B – Maria Isaura...

G.V.B –Pereira de Queirós. Daí eu cheguei, me separei, fiquei aqui no Rio... Fiz um concurso de seleção para o IFCS, daí acabei entrando como professora horista. E queria terminar o doutorado. Mas aí o que aconteceu: era difícil terminar o doutorado naquela situação. Eu me lembro que uma vez o Steger veio aqui ao Brasil – acho que ia fazer uma palestra em Brasília

- e passou pelo Rio. E ele me disse: “vai ser *muito* difícil”. Hoje eu entendo, quer dizer, eu acho que é alguma coisa própria dos alemães dizer que você tem alguma dificuldade tão grande para ver se você reage. Mas eu não reagi da maneira esperada [risos]. Ao ouvir dele que ia ser muito difícil: que eu tinha dois filhos, que eu trabalhava, que eu fazia isso, que eu não ia conseguir terminar de fazer aquele doutorado - eu fiquei muito mal. Daí o que eu fiz? Um tempo depois eu fui procurar a Maria Isaura e a Maria Isaura disse: “Olha, muito difícil. Seu estudo na Alemanha não vai conseguir fazer uma revalidação porque o sistema é inteiramente diferente. E depois eu não posso aceitar você porque eu conheço o Steger”. Então ficou toda uma situação. Não podia me aceitar porque ela conhecia, era amiga dele: “Você estava fazendo com o Steger porque você vai agora me pedir orientação? Não termina lá?”. Por isso que eu demorei a terminar, muito, o doutorado , muito. Bom, daí eu resolvi escrever uma carta para o Steger dizendo que eu não poderia mais voltar e que eu estava inclinada a fazer na Universidade de São Paulo porque era a *única* Universidade que aceitaria um doutoramento direto, naquela época, nenhuma outra. Eu fui ao Museu: conversei muito, não aceitou; depois em Brasília também eu tentei... Não havia como. E eu também... Já que eu estava... Já tinha estudado tantos anos, eu queria...

K.K A opção seria voltar para o mestrado?

G.V.B – Eu tinha que voltar para o mestrado. Mas de certa forma eu voltei para o mestrado: eu fiz todas, na Universidade de São Paulo, todas as cadeiras do mestrado eu tive que fazer. Nada foi feito...

K.K – Só não adquiriu o título...

G.V.B – Só não adquiri o título. Eu tive que fazer...

H. B. – Porque São Paulo admitia depois de cumpridos os créditos de o mestrado ir direito ao doutorado. Era o único programa, não é?

G.V.B – Que eu saiba, do que eu procurei naquela época, era o único programa que permitia isso. Além do quê eu conhecia a Maria Isaura. Eu fui várias vezes para São Paulo conversar com ela.

K.K – Ela então [já havia sendo] sua orientadora?

G.V.B – [risos] Foi difícil, Karina... Não foi fácil. Depois eu já não me lembro porque naquela época era tutorial lá em São Paulo: você fazia um projeto e apresentava ao professor. A seleção era tutorial, não era institucional como nós temos hoje. E dependia das vagas do professor. Então isso tudo demorou – eu não me lembro quanto tempo -, mas acabou que ela me aceitou – ela tinha uma vaga – daí ela me aceitou como doutoranda dela. Eu tive que mudar muito do meu projeto ... Eu queria estudar só o Gilberto Freyre, mas isso ela não achava que fosse, enfim, adequado. Ela tinha um interesse muito grande na produção das Ciências Sociais. Ela tinha interesse, tem alguns artigos escritos sobre isso... Daí eu fui me adequando. Não foi fácil. Eu acho que o..., como eu diria... Eu acho que o grande benefício que eu tive ao fazer o doutorado com a Maria Isaura foi realmente me voltar para a pesquisa empírica. Então eu tenho essa formação, assim... Eu com o Steger seria uma tese mais teórica. Eu acho que ao cabo eu aprendi a juntar essas duas questões. Então, hoje em dia, eu me sinto muito confortável: eu posso andar de uma coisa para a outra; e fazer uma pesquisa em um arquivo, fazer uma pesquisa que tenha quantidades, sem problemas. Mas eu devo isso a esses dois professores.

H.B – Gláucia você já estava no IFCS. Então essa foi uma situação funcional que se manteve: os títulos que vieram só consolidaram esse lugar porque era como professora horista, mas que depois foi incorporada. E você nunca saiu do IFCS.

G.V.B – Não. Não. Nuca saí do IFCS.

K.K – Como é que foi entrar na instituição...

G.V.B – Agora eu estou próxima da saída [risos]...

K.K – Mas como é que foi isso? Entrar em uma instituição que você tinha justamente saído de uma forma tão... traumática, não?

G.V.B – Eu queria *tanto* fazer sociologia. Depois de um determinado momento da minha vida eu sabia que eu queria fazer sociologia, queria fazer pesquisa – porque isso tudo muda nesse... Mas foi muito difícil a volta para o IFCS. Foi de um lado uma alegria muito grande – porque eu não tinha podido pisar lá durante muitos anos – foi uma alegria grande, realmente; assim tive uma emoção mesmo ao voltar... Mas foi muito difícil porque vocês sabem que quando o IFCS saiu da Marques de Olinda, no final de 69, e foi para o Largo de São Francisco, ele foi totalmente abandonado, muitos professores foram cassados e era uma instituição absolutamente abandonada. E foi nessa época, eu me lembro, que eu conversava com muitos colegas - inclusive com a Yvonne Maggie que estava lá – e outros depois que vieram, como a Alice Abreu... Vários que são colegas meus hoje. E nós nos perguntamos: “O que a gente pode fazer?”. [riso]. Porque a instituição... Não havia pós-graduação; a graduação, também, muito menos cuidada – eu acho que pode ser mais cuidada até hoje – mas era muito menos cuidada do que hoje... Não foi muito fácil também. Era muito... É difícil descrever: a parte física - até porque hoje reclamamos muito ainda da parte física do IFCS, eu mesma sou uma das primeiras a reclamar [riso] . Mas eu comparo com 1980, com a década de 80, você não tinha nem biblioteca – toda a biblioteca estava jogada em salas, com aquele pé direito alto - o arquivo também totalmente jogado... As condições eram muito adversas, assim, em termos... As salas era piores. Enfim... O IFCS foi ocupado, como a gente costuma dizer, as salas foram ocupadas na década de 80. Havia muita sala fechada. Os professores davam aula e iam para casa. Não tinha nenhum gabinete para professor, era muito, realmente... Aí vocês imaginam que eu ia para a USP [risos]. Fazia uma diferença. Fazia uma diferença muito grande na época. Muito grande.

K.K – Você em algum momento se afasta das aulas para o doutorado ou você sempre vai convivendo com as duas...

G.V.B – Não. Eu me afastei. Eu tive depois uma bolsa da Capes- que era uma bolsa ligada à UFRJ - e essa bolsa me facultava uma licença – não sei agora se um ano ou dois anos – para eu fazer o doutorado. Quer dizer, eu já vinha fazendo, mas muito devagar, vocês imaginem

que.. como vocês podem ver pela data em que eu acabei que demorou muito tempo. Eu acabei em 1992.

K.K. – É. Aí você acabou recontando... A gente podia entrar um pouco nos temas de pesquisa, não é? Que são muito interessantes para gente dentro do projeto. Você já faz uma tese, como você disse, que vai aprofundar essa área da história da ciência, história das ciências sociais. Aí como que é esse ajuste que vai sendo feito com a orientadora e como que a sua produção... Como que é depois, na medida que você vai tendo autonomia, para onde que você vai levando a sua produção própria, intelectual?

G.V.B – Há uma diferença muito grande, acho que outros colegas da minha geração fizeram o doutorado trabalhando. Uma diferença muito grande. Dando aulas, ou trabalhando em institutos de pesquisa, não sei se todos, mas acho que uma grande parte, sobretudo aqueles meus colegas do IFCS, estavam todos terminando praticamente. Alguns tinham feito doutorado. Ao mesmo tempo em que nos preocupávamos com a instituição, nos preocupávamos também com os nossos doutorados. Então, qual a adequação, o que aconteceu? Eu vou dizer o que me lembro e que foi bom para mim. A Maria Isaura me convidou para participar de um grupo da Anpocs, na época ela coordenava um grupo sobre sociologia brasileira na Anpocs, e isso para mim foi fundamental desde o início, desde 80, desde que eu cheguei, eu participava também da Anpocs, participava também da SPS, depois da Sociedade Brasileira de Sociologia. E ela reunia o grupo de orientandos e sempre achou que se devia divulgar trabalhos, devia escrever e publicar. Então aprendi muito, nesse início devo muito a ela e ela publicava na revista do Ceru [Centro de Estudos Rurais e Urbanos], quando julgava que o trabalho tinha uma qualidade, podia ser publicado. O que aconteceu... Eu conhecia algumas pessoas dentro da minha área, isso foi fundamental. Eu reencontrei o Eduardo Jardim - que tinha sido meu colega que depois foi para Filosofia -, Lucia Lippi, Sergio Miceli, Renato Ortiz, Rubem Oliven e enfim, Alba Zaluar... me lembro de *tantos*... O Simon Schwartzman passou também pelo grupo porque Maria Isaura tinha um núcleo que era o núcleo, digamos assim, mais permanente no grupo, mas ela fazia seminários intermediários, daí convidava... Convidou o Simon uma vez, Darcy Ribeiro... então eu comecei a conhecer dentro do meu campo outras pessoas, com outras profissões, trabalhando na área da Sociologia da Cultura que nem tinha esse nome muito na época, na verdade era “Cultura Brasileira”.

K.K. – Porque até hoje tem uma cadeira chamada Cultura Brasileira.

G.V.B – Tem?

K.K. – Tem...

G.V.B - Mas essa sociologia, quer dizer, na fundação do núcleo da sociologia, que é outra história, isso veio mais devido a minha formação na Alemanha do que essa participação no grupo da Anpocs. As coisas se juntaram de certa forma, mas você está perguntando pela adaptação, se eu me pergunto pela adaptação, é uma adaptação mesmo do que eu vinha estudando lá.

K.K. – Adaptação do [INAUDIVEL], em 89?

G.V.B – Que foi em 89, então eu já tinha essa...

K.K. – No meio do doutorado...?

G.V.B – No meio do doutorado. Bom, então...

K.K. – E Gláucia, você lembra quem foi da sua banca de doutorado? E como que esses personagens...

G.V.B – Quem foi da minha banca de doutorado foi a Heloísa Martins, Eduardo Jardim... e... Maria Isaura... [riso] Estou agora tentando me lembrar também de uma pessoa que fez tese com Maria Isaura e que foi para a Unicamp e lá da Universidade de São Paulo, que era o Queiroz, agora não me recordo do primeiro nome dele.

K.K. – Mauricio?

G.V.B – Não, não era Mauricio. Mauricio eu conheci no IFCS, antes.

H.B. – Mas é muito interessante porque se a gente pensar na sua produção geral, você tem uma constância entre o interesse de uma sociologia dos intelectuais em um sentido mais largo, teórico mesmo - que eu acho que é tributário dessa experiência na Alemanha, muito fortemente - e da trajetória de Cientistas Sociais no Brasil. Quer dizer, você talvez tenha sido pioneira nessa preocupação de como é que se constituiu o campo das Ciências Sociais, o que é a vocação, que vocação é essa... Então seria muito interessante a gente ouvir, sobretudo desse segundo ponto, se você não se importa, porque é o tema mais forte dessa pesquisa e talvez você, dos entrevistados, seja a pessoa que mais tempo e mais diretamente tem essa preocupação, como orientação mesmo, intelectual. Isso veio na calda desse interesse maior por uma sociologia dos intelectuais, por um investimento mesmo nas tradições teóricas da sociologia ou foi um tema empírico estimulado no Brasil por pesquisa e que se combinou bem?

G.V.B – [riso] Bom, eu acho que na Alemanha tem uma área que... é... que seria de estudos das ciências do espírito... em que há uma preocupação muito grande com relação as idéias... há uma preocupação grande em relação às idéias. Não havia até eu voltar aqui para o Brasil, eu não tinha nenhuma preocupação com isso. No meu doutorado... Persegui uma interpretação de algumas idéias comparando os autores e não tinha nenhuma preocupação. Naturalmente, na mesma Faculdade onde eu estudei havia dois professores e duas cátedras de sociologia empírica então essa diferença está claramente marcada naquela época...

K.K. – Lá na Alemanha?

G.V.B – Na Alemanha. Isso está até naqueles temas básicos de sociologia do Adorno, ele até menciona esses dois professores da sociologia empírica de Nuremberg. Esse professor com que eu estudei era um professor conservador, totalmente voltado para as ciências do espírito e interessado na história intelectual da América Latina - ele havia vivido muito tempo no México. Eu não tinha preocupação. Quando eu comecei a ser orientada pela Maria Isaura - ela conhecia meu trabalho, eu tinha escrito já dois textos que se transformaram em artigo - e ela disse: “muito bem”, mas quando eu comecei a ser orientada por ela, ela disse “Mas isso não!” [riso], “Essa questão não!”.

K.K. – Nada de espírito. [riso]

G.V.B – Nada de espírito. E ela, acho que nem acreditava que eu conseguisse fazer a pesquisa empírica que eu fiz na Biblioteca Nacional: eu levei duas caixas de fichas e aí eu acho que em um momento ela ficou...

H.B. – Se convenceu.

G.V.B – Se convenceu e não disse mais... Porque ela achava que eu devia estudar com o Gabriel Cohn durante uma época, que eu não ia me converter à pesquisa empírica [riso]. Então aconteceu isso.

H.B. – Você materializou o espírito e levou.

G.V.B – E levei. Sem muito problema [riso]. Mas o que era a minha preocupação? Minha questão de trabalho? Isso me perseguiu durante muito tempo. Claro que ela vai sendo formulada teoricamente de diferentes maneiras. Desde o início eu tinha uma curiosidade em saber como que os intelectuais pensavam o Brasil - isso para mim era muito claro. Isso eu acho que era uma linha condutora do meu trabalho. Com essa questão de trabalho, eu conseguia reunir uma visão... o que eu fiz, realmente, na minha tese de doutorado, que era produção em livros das Ciências Sociais... Eu acho que esse trabalho foi *muito* importante; foi muito importante a vivência dessa pesquisa na Biblioteca... Isso me serve de apoio, me serviu de apoio, até hoje isso me serve de apoio. Uma pesquisa a qual eu me referencio sempre... Quando eu estou trabalhando, eu sei que eu tenho um domínio de uma parte dessa história das Ciências Sociais. E justamente pelo fato de querer estudar as idéias e a Maria Isaura considerar que devia ser um trabalho empírico, não foi um trabalho sobre as Ciências Sociais do ponto de vista institucional nem foi um trabalho de interpretação; e foi um trabalho sobre a produção em livros, porque livro é um material empírico: ele está ali, as idéias estão ali, elas não existem sem esse suporte empírico. Me lembro de termos conversado muito sobre isso, até no trabalho, eu digo, que é livro e tal... E a verdade, quer dizer, não existem as idéias sem um suporte, e um deles, com certeza, é o livro, e é um dos mais importantes. E também é uma forma de abordar diferente a história das Ciências Sociais. Daí, isso eu acho que foi duro, muito duro para mim

na época em que eu estava fazendo... A Biblioteca Nacional não é um lugar fácil para se trabalhar tampouco. Mas depois, muito tempo depois, quando eu elaborei a *Mudança Provocada*, em que realmente aí eu faço... Tem uma questão de trabalho que eu procuro ver com alguns exemplos como se dá uma mudança no âmbito do pensamento social brasileiro... A base desse livro e das questões, de fato é a minha pesquisa de tese. Então eu fui tentando conjugar. Depois eu me interessei muito pela questão da recepção porque de fato, depois de ter feito essa pesquisa e outros trabalhos que fui divulgando ao longo do tempo, eu me cansei da produção, eu disse: “Meu Deus, tantos livros, quem leu isso? Para aonde que isso foi?”. Comecei a ficar com uma grande preocupação. As histórias de pesquisa... Então assim, a gente tem preocupações e também existem circunstâncias que permitem com que a gente faça, a gente vai juntando, eu acho, as coisas. Mas eu tinha essa preocupação muito grande de que... “Aí, quem lê isso? E aquilo que nós produzimos também...?”. Daí eu comecei a estudar recepção mais do ponto de vista teórico também, algumas coisas... e veio esse interesse em pensar sociologia alemã porque eu dei muita aula, ministrei muita aula e na década de 80 havia ainda muito pouca recepção, mesmo do Max Weber, do Simmel, do Elias- até mesmo no caso do Elias, que a Alemanha ainda estava publicando muita coisa sobre o Elias, e ele próprio... Então me veio essa idéia de começar a pensar a recepção. Daí como eu trabalhava com esses autores e via em sala de aula também dificuldades na recepção. E paralelamente também foi crescendo esse interesse, uma coisa curiosa, foi crescendo por uma série de motivos, de mudanças políticas e outros dogmas das ciências sociais que foram caindo ao longo do tempo que eu acho que permitiram também pensar esses autores, que antes não eram estudados dessa forma.

K.K. – E você tem um outro tema também muito importante que é o estudo do ensino, do ambiente de formação também, não é? Quase que produção, recepção e formação desses... como é que foi essa...?

G.V.B – Isso foi... eu gosto dessa parte digamos da minha produção, do meu interesse, mas isso se deu muito devido ao IFCS, se deu muito nessa fase de reconstrução - não de reconstrução, não sei se chama assim -, mas na fase em que um grupo de colegas tinha começado a pensar o IFCS e melhorar academicamente, quer dizer, não só fisicamente, mas academicamente: foi a construção do Laboratório de Pesquisa Social, foi a construção do Programa de Pós-graduação. E nós precisávamos saber um pouco mais nessa época. Quer dizer,

quando você está em uma atividade em que você procura recuperar uma instituição, você quer saber um pouco de sua história, naturalmente, e questões com os alunos, diretamente, da formação. Eu me interessei muito pela formação, pelo currículo e pelos egressos e até hoje gosto de pensar isso. Eu acho muito interessante. Acho que se pensa muito o ingresso que é importantíssimo, mas eu gosto muito de pensar os egressos. E acabei fazendo projetos de pesquisa, consegui algum financiamento e fui fazendo, mas eram junções institucionais, mas que não deixavam de me alegrar na atividade de pesquisa.

K.K. – Acho que a gente podia abrir um pouco as perguntas e depois a gente volta para aquelas finais, o que você acha?

H.B. – Aham, acho bom.

K.K. – O [Marcos e Ana Carolina] estão fazendo um trabalho sobre a sua trajetória...

G.V.B – Ah, olha...

K.K - Então a gente queria começar com elas. Perguntas curtas para a gente poder ouvir mais.

PERGUNTA DA PLATÉIA – Eu só queria fazer uma pergunta que surgiu aqui...você disse que logo no período em que, antes de você sair do IFCS, você se filiou no PC do B e eu gostaria de saber o que levou você a entrar no movimento estudantil, foi uma questão pessoal ou não, você teve influência do seu ex-marido...?

G.V.B – Eu acho que havia dois motivos. Um, eu achava que eu tinha uma oposição com relação ao regime autoritário porque havia uma censura, uma proibição de várias atividades que não eram feitas... então eu tinha essa preocupação política. Mas eu tinha, sobretudo, uma preocupação política com as desigualdades sociais e achava que haveria uma possibilidade...é... deveria haver uma forma de se modificar esse quadro extremamente desigual que havia no Brasil. Então eu acho que essas duas coisas... Fora o fato, naturalmente, que eu tinha um namorado... [riso] Me apaixonei, a pessoa com quem me casei que já militava há muito tempo

e que me apresenta esse mundo e que claro, eu poderia não ter ficado com ele, mas eu acho que tinha essa minha preocupação política e sociológica mesmo, no sentido dos projetos possíveis, como é que se pensava o Brasil, quais eram as soluções que poderiam ser dadas, isso havia sim...

PERGUNTA DA PLATÉIA – Eu queria fazer uma pergunta a respeito do Projeto do Almir Mavignier. Posso fazer? A pergunta é: você esperava que o documentário tivesse uma repercussão internacional? Considerando que o filme participou do 25º Festival Internacional de Filmes sobre a arte em Montreal? Teve uma repercussão grande, quando eu fui acessar, pesquisar sobre as suas obras, fui no Google e tem várias entrevistas a respeito disso. E foi uma grande surpresa para mim sua participação. E a gente queria saber como foi essa idealização desse projeto, você esperava realmente essa repercussão como teve?

G.V.B – Você sabe que às vezes eu também me surpreendo porque nunca vi... Eu nunca acompanhei tanto a repercussão porque isso até foge às vezes um pouco do mundo acadêmico mais restrito. É curioso isso, vai andando por uns caminhos outros. Eu recentemente vi que tinha... Não tem na internet várias coisas...? É, não acompanhei muito. Mas quando o filme foi... enfim, quando eu fiz uma candidatura do filme, inscrevi o filme para seleção no Canadá, eu não tinha essa idéia da repercussão internacional, mas eu tinha uma idéia muito clara da necessidade de divulgar. Eu achava que precisava divulgar aqui como precisava divulgar fora daqui. E outra coisa: a categoria de filmes de arte ela é muito restrita, documentários de arte, ela é muito restrita, então são poucos. Agora tem um na Itália também.

K.K. – Não, tudo bem, só um *back up*, a gente vai trocar a fita, mas pode continuar, não pode, André?

G.V.B – Há muito pouca, ainda, uma discussão sobre o documentário de arte, ela é restrita. Mas existe sobre documentário, certamente, muita coisa aqui no Brasil de alta qualidade, muita boa, mas restritamente sobre a arte, não muito.

K.K. – Como que surge esse projeto?

G.V.B – Então eu comecei a também... o filme ia para a Itália depois terminou que não foi... Mas o projeto... Essa é uma parte, um resultado do projeto, mas eu durante

todo o período - vou voltar à minha pesquisa de tese -, durante todo período em que eu estava fazendo a pesquisa eu me dei conta que realmente a década de 50 é uma década de muitas mudanças. Na época todo mundo... eu estava ainda muito as décadas anteriores, estudava 20, estudava 30, e aí comecei a me dar conta que em 50... - agora não, agora está todo mundo estudando todas as décadas, que é ótimo. Mas eu comecei a me dar que havia ainda poucos trabalhos sobre as mudanças e a mudança sempre me interessou, como socióloga, ela sempre me interessou. Bom, eu sempre me dizia: “Eu vou fazer um dia uma pesquisa que não seja sobre as ciências sociais na década de 50, mas que seja sobre as mudanças e, enfim, as mudanças no campo artístico: ou na música, ou nas artes plásticas”. E tive esse desejo e foi possível... Nessa época, então, eu fiz um projeto que é sobre as mudanças no campo artístico na cidade do Rio de Janeiro em que tem como objetivo mostrar como vários setores e instituições diferentes participam de uma mudança no campo das artes e como é possível criar uma autoridade que contrarie uma concepção modernista - estética modernista - e que tenha uma outra concepção. Eu acho que são quase dois programas diferentes da arte e que tem uma outra concepção que é construtivista. Mas o meu interesse e a pesquisa é histórica, eu estou pesquisando em arquivos, mas também com imagens - porque eu acho necessário com relação às artes plásticas você ter as imagens -, mas eu sempre tenho uma inquietude muito grande para saber como é que é possível mudar. Eu sei que isso às vezes está um pouco fora de moda – a mudança [risos] Mas infelizmente eu tenho essa trajetória. Também sempre me interessa saber como muda e como se institui também a mudança: quem é a autoridade, os processos decisórios, as redes de relação, todo esse mundo empírico, esse mundo... Como isso se dá e se consegue efetivamente dizer: “Bom, agora não temos somente os quadros de Cavalcanti, Portinari, Tarsila, etc..”. Podemos ter um quadro como o de Mavignier, por exemplo. É essa a idéia da pesquisa.

H.B. – Quando é que autoriza?

G.V.B – Quando é que autoriza? Eu estou muito com essa preocupação. E eu sei que é um conjunto, uma rede, um processo grande que faz com que seja possível essa modificação e que

não elimina absolutamente o que existia antes, sabemos disso. Mas você tenha outra maneira de pensar arte do Mavignier, do Ivan Serpa e do [Abraham] Palatnik e você chega ao *Parangolé* do Hélio [Oiticica]. E eles estão mais ou menos juntos, se você vai rastreando essas redes e como ocorre.

K.K. – Mayã.

PERGUNTA DA PLATÉIA (Mayã Martins) – Você tem uma reflexão importante sobre a obra de Costa e Pinto. Você poderia comentar sobre como se interessou pelo autor, a influência dele nos seus estudos sobre a constituição das ciências sociais no Brasil?

G.V.B – O Costa Pinto, eu acho que foi fruto de discussão no grupo da Anpocs, porque nós discutimos muito a questão Rio/São Paulo, quem eram os sociólogos de São Paulo, quem era do Rio. Quer dizer, até hoje eu sei que muitos sociólogos têm um consenso com relação ao Rio de Janeiro: que no Rio de Janeiro as Ciências Sociais, sobretudo talvez a sociologia - talvez menos a Antropologia, não sei - ela é mais politizada e que foi o Iseb nosso grande centro irradiador das ciências sociais, etc. e que tem um cunho político maior do que haveria na Universidade de São Paulo, por exemplo. E nós tínhamos na verdade - não só eu - um grupinho ali dentro [risos], um grupinho aqui do Rio de Janeiro dentro desse grupo da Anpocs que estava sempre querendo um pouco rebater, sempre reagindo. E curiosamente, eu conheci o Costa Pinto quando o curso de ciências sociais completou 50 anos e o Costa Pinto, que tinha ficado no Canadá de 62-63 até 1989 - que eu acho que foi o ano de comemoração dos 50 anos do curso de ciências sociais - ele veio para receber o título de professor emérito da UFRJ. Então eu tive a oportunidade de conhecê-lo. Mas já estava um pouco nesse... quer dizer, havendo: “Quem era o sociólogo que não era do Iseb?” - era um pouco isso [risos]. E houve essa oportunidade. Eu comecei a entrevistar e manter um contato com o Costa Pinto e daí comecei a ler o Costa Pinto e eu tinha uma notícia do meu curso de graduação do Luis Aguiar Costa Pinto - ainda do velho curso de graduação aqui na UFRJ. Mas houve essa oportunidade e comecei realmente... Daí publiquei um trabalho eu acho que compara o Costa Pinto com o Guerreiro Ramos e o Florestan e apresentei na Anpocs. Apresentava sempre na Anpocs: durante muito tempo eu tinha uma assiduidade grande e foi muito importante porque aí você podia ver as outras

abordagens que estavam... E ele não era um autor que tivesse sido contemplado e comecei, a partir da leitura, a achar que valeria a pena que fosse estudado. Mas aí mais adiante também o encontro com o Marcos Chor Maio, que estava fazendo a pesquisa dele também, tese de doutorado e começamos a conversar... Essas opções tem sempre a ver também com colegas que você encontra, com as publicações.

K.K. – Ivone.

PERGUNTA DA PLATÉIA (Ivone) – Professora, no início a senhora falou que quando resolveu, quando percebeu a sociologia, foi naquele momento que estava indo para Nova Iorque e que o seu assunto seriam as desigualdades. Aí eu li... Eu queria que a senhora falasse sobre o projeto sobre cor; o Projeto de Cor e Educação nas desigualdades sociais. Foi a senhora que quando veio para o IFCS que coordenou esse projeto.

G.V.B – Foi, isso foi... Nós tivemos no IFCS, durante praticamente uns dez anos, um Programa de Iniciação Científica: vários núcleos de pesquisa que ficavam com alunos de graduação. E mais ou menos ao término, depois de uns oito ou dez anos, eu não me lembro exatamente, o grupo que estava envolvido nesse programa de Iniciação Científica e no Laboratório de Pesquisa Social queria fazer uma avaliação, na verdade, daquilo que tinha sido o programa. Assim que eu entro nesse projeto. Eu estava interessada com o grupo em avaliar o programa porque, na verdade, tínhamos feito durante um tempo e tínhamos tanta coisa para fazer na pós, no Laboratório, etc., que era impossível manter o programa de Iniciação Científica. Além de que os recursos que eram da Fundação Ford, o CNPq passou a financiar, depois a Faperj; não havia essa bolsa de Iniciação Científica, é uma coisa mais recente. E então eu tinha realmente uma preocupação em ver essa questão da educação, mais das desigualdades, do que tinha sido o Programa de Iniciação Científica. Por quê? Porque naquela época, na década de 80, havia uma sentença de que o aluno tinha uma espécie de um contato com o professor que o professor fingia que ensinava e o aluno fingia que aprendia e que tudo devia ser nivelado por baixo e que os nossos alunos eram *muito* ruins. Eram muito ruins porque tinham uma origem social de poucos recursos, e eram desprivilegiados, etc., etc., etc. Então o que a gente fez? (Eu estou falando tudo isso para poder entender como eu entro nesse projeto). Então o que a gente

procurou fazer? Nós procuramos colocar nesse Programa de Iniciação Científica tanto alunos que tinham CRA baixos, como alunos que tinham CRA mais alto. Como? Através de diferentes tipos de seleção que cansamos de bolar como selecionar [riso] para ter esse resultado - vocês imaginam que não é muito fácil. E na verdade foram quase quinhentos alunos, acho, que passaram por esse programa, quase todos eles com bolsa e nós tínhamos um grande problema de evasão. A evasão no IFCS nessa época era quase de 70%. E aí vinham essas questões das desigualdades sociais entre os alunos, vinha então desse Projeto da Iniciação Científica. Quando isso foi terminando, alguns professores quiseram fazer uma avaliação porque uns consideravam que na verdade tinha tido mais alunos com CR mais alto... A gente tinha uma discussão, a gente não sabia efetivamente o que tinha acontecido, apenas que a evasão entre os alunos que tinham trabalhado como bolsistas no Laboratório era de 2% e no curso era muito alta. Então, como que tinha se dado aquilo? Quem eram os alunos? e tal. Então eu estava muito interessada nisso, tanto que meu trabalho - talvez um dia eu retome isso para escrever mais -, eu escrevi sobre isso, mas sobre a perspectiva do egresso, eu trabalhei com os egressos e vendo as diferenças entre eles: de onde eles vinham e como eles acabaram no curso de ciências sociais. Por outro lado, tinha um grupo que era liderado pela Yvonne Maggie que estava interessada em ver a questão da cor entre os alunos. E esse projeto foi financiado pela Fundação Ford e uma vez nós fomos chamados então [ele] disse “Não pode, não vamos financiar um sobre as questões da desigualdade e outro sobre a questão da cor, vocês decidam e juntem os projetos para que a gente financie”. Foi exatamente o que aconteceu: então juntamos os projetos [riso] e coordenamos os projetos - eu acho que tem uma hora que ela coordena, tem uma hora que eu coordeno, enfim. Nós acabamos ficando responsáveis por esse projeto e eu estudei muito essa questão do egresso e tinha um material muito grande sobre isso, fizemos várias entrevistas e enfim, eu acho que eu tenho um artigo que dá um pouco essa visão do que foi o resultado.

K.K. – A gente vai fazer uma outra pausa, para troca de fita, não é isso?

[FIM DA 1º ENTREVISTA

2º entrevista: 28/09/2009

Karina Kuschnir – Então, Gláucia, a gente primeiro agradece muito você nos receber aqui hoje e a ideia hoje é um encontro com um roteiro menos formal e até para a gente começar um pouco por um tema que é central no projeto, que não deu tempo da gente conversar da outra vez, que é a relação nas Ciências Sociais de países de língua portuguesa e você foi uma pessoa importante em vários sentidos... A gente queria te ouvir um pouco. Como é que foi a primeira vez que você tomou contato com as Ciências Sociais nesses outros países e...?

Gláucia Villas Bôas – Olha, eu tomei contato com as Ciências Sociais, sobretudo em Moçambique... Depois muito pouco com Angola e com a Guiné-Bissau também. E Cabo Verde. Mas com Moçambique foi diferente, foi meu primeiro contato e foi o mais importante. E esse contato foi feito através de um programa de iniciação científica que tínhamos no IFCS, financiado, no início, exclusivamente pela Fundação Ford, foi coordenado pela Yvonne Maggie, de início... Teve muito apoio do Peter Fry e reuniu um conjunto de professores, cerca de vinte professores da Antropologia e da Sociologia do IFCS. E esse programa de iniciação científica, num determinado momento, em uma de nossas reuniões, surgiu a ideia de se fazer um projeto Moçambique. E esse projeto Moçambique apoiado pela Fundação Ford, tenho a impressão que o Peter Fry estava ainda na África, nessa ocasião... E o projeto era de trazer alunos moçambicanos para o IFCS para estudarem Ciências Sociais no IFCS. Bom, daí se desenvolveu durante... Acho que foram 20 ou 25 alunos...

K.K. – Você lembra o ano que começou?

G.V.B. – Esse começou... Mais ou menos em 1990, eu acho que mais ou menos em 1990 se não me engano... 1990. E eu tive um contato maior durante uma viagem que eu fiz a Moçambique. O Projeto Moçambique tinha, digamos, uma regra, que eu acho muito importante, de seleção dos bolsistas, que eram alunos bolsistas, que para se fazer a seleção, era preciso que professores daqui fossem para Moçambique fazer essa escolha. Por quê? Para que a seleção fosse feita entre os diferentes grupos étnicos e fosse feita do Norte e no Sul do país e não fosse feita somente em Maputo. Então a cada ano se organizou uma

viagem a Moçambique. Acho que o primeiro ano foi a viagem que a Yvonne e o Peter e, se não me engano, Marco Antonio foi também, não me recordo agora... E depois foi o José Ricardo e o Peter Fry e depois eu fui com o Marco Antonio Gonçalves e éramos acompanhados por uma funcionária do Ministério da Educação... Acho que Lucrecia... Lá de Moçambique. Não sei se... Quer dizer... Foi através dessa viagem que eu conheci professores da Universidade Eduardo Mondlane e também o Estado, que era um Estado muito precário, da Sociologia e da Antropologia. Porque justamente esse foi o período do término da guerra.

K.K. – Eles estavam se reestruturando.

G.V.B. – E o país todo estava se reestruturando, quer dizer, quem fez as primeiras viagens para a seleção dos bolsistas ainda presenciou várias cenas que eu não presenciei mais. Eu cheguei justamente, em Moçambique, no dia em que o Acordo de Paz estava sendo assinado em Roma. Então ainda havia um clima difícil, um clima de conflito armado mesmo, não se podia caminhar de uma província para outra, assim, tinha apenas um avião da Aeroflot, eu me lembro, que levava, depois trazia as pessoas para a gente se locomover, sair de Maputo e ir para o Norte de Moçambique, passando por Lichinga, enfim, eram viagens... Quelimane, e não era uma viagem fácil, mas foi uma viagem, para mim, uma das viagens mais importantes que eu fiz no sentido de observar um país tão diferente. E tínhamos também a oportunidade de conversar com os jovens, isso era muito bom, muito bom.

K.K. – Como é que foi, assim, o que vocês encontraram lá nas universidades, além da Mondlane, vocês foram o que, mais duas ou três?

G.V.B. – É porque na época era basicamente a Universidade Eduardo Mondlane, depois eu acho que foram surgindo as outras, e agora já uma ex-aluna me disse que há algumas. Mas nós tínhamos que visitar, eles tinham onze colégios secundários, os colégios que davam acesso à universidade. Então, o nosso trabalho era justamente visitar onze escolas em diferentes províncias e inclusive com pessoas bastante diferentes na sua cultura e de língua diferente, também. E nessas escolas ficavam... Nós entrávamos em contato já com o grupo

de alunos que tinha sido pré-selecionado, entrevistávamos esses alunos, conversávamos com esses alunos e eles contavam muito da guerra naturalmente, e, sobretudo desse deslocamento devido à guerra, e da perda, perda de parentes, quer dizer, como era uma vida cotidiana deles, e era muito, muito... Fazia parte da narrativa dos entrevistados e sempre entrevistávamos juntos, o Marco Antonio, a Lucrecia e eu, sobretudo Marco Antonio e eu íamos fazendo essa seleção a partir das entrevistas. Para mim é uma viagem inesquecível, eu aprendi muito, muito e era muito diferente do Brasil, você se sente inteiramente diferente, é uma sensação muito...

K.K. – E você chegou a conhecer professores de Ciências Sociais lá?

G.V.B. – Eu conheci alguns professores de Ciências Sociais lá e conversamos um pouco, mas na volta a Maputo quando chegamos, fizemos logo a seleção em Maputo, começamos a viagem... Viajamos para o Norte depois para o Sul. Mas agora eu não me lembro mais dos nomes dos professores. E agora eu sei que alunos nossos, cujo nome não me lembro, mas eu até vi uma foto dele...

K.K. – Alunos que participaram do programa que hoje...?

G.V.B. – Ele é professor, dois são professores. É porque depois eu fiz outra viagem a Moçambique, então dois deles estavam trabalhando no Ministério da Justiça e dois estavam trabalhando na Universidade Eduardo Mondlane... Eu ainda mantenho contato com uma aluna dessas, porque nós... Era um sistema um pouco tutorial, quer dizer cada aluno ficava, se integrava na pesquisa de um professor e eu a acompanho durante muito tempo, está trabalhando numa ONG e alguns foram... Acho que dois foram fazer doutorado na África do Sul...

K.K. – E Glaucia, e assim, esses alunos... Comparando um pouco... Bom, claro que eles estavam em outro momento da história das Ciências Sociais em Moçambique, mas vocês tiveram o impacto, assim... Como que é construir ou reconstruir a ciência social num lugar, os alunos, como é que eles chegaram aqui, comparando um pouco Brasil e Moçambique...

G.V.B. – Eu acho que a diferença é muito grande, quer dizer, foi muito grande naquela época, porque hoje em dia eu sei que mudou muito, é menos, naturalmente, mas naquela época havia uma diferença muito grande, havia muito pouca ciência social, acho que Antropologia, havia muito pouco...

K.K. – Menos Antropologia do que Sociologia?

G.V.B. – Sociologia também pouco, tinha muito Letras e História, mais Letras e História...

K.K. – Todos esses alunos eram falantes de português, bem falantes?

G.V.B. – Todos eles, porque tinham feito a escola, mas na verdade a população em Moçambique, em vários lugares, inclusive mesmo em Maputo, muito poucos falam em português, eles falam sempre suas línguas, as línguas nativas. Eu me lembro no correio, em Moçambique, logo que eu cheguei, estavam todos falando sua língua e só falam português quando se dirigem a você. No Norte muito menos, os Macua, realmente, eles não entendem os Changana, nem os Changana entendem os Macua e eles falam muito pouco português no Norte, pelo menos foi essa a minha experiência. Mas voltando às Ciências Sociais, eu acho que o que eu posso dizer é que eu acho que esse programa muito provavelmente ajudou nessa construção das Ciências Sociais e aí eu estou falando mais especificamente da Antropologia e da Sociologia, penso eu, que deve ter sido, pelo menos, um dentre vários outros incentivos, para as Ciências Sociais, Moçambique. E outra coisa que me marcou muito com relação às Ciências Sociais, não responde diretamente à sua pergunta, mas que para mim foi algo surpreendente e sempre guardo isso na memória, é que os alunos, como nós conhecíamos as condições de vida que eles tinham lá em Moçambique, e depois os acompanhávamos aqui nas nossas pesquisas e em outras atividades de docência, enfim, havia alunos que não tinham livros em casa, por exemplo. Eu só me lembro que sempre conversávamos; não tinham um livro em casa. Eu me lembro que naquela ocasião a Fundação Ford começou com “quero fazer pequenas bibliotecas nas escolas secundárias”,

então se tinha muitas dificuldades com relação aos livros e, no entanto, quando eles chegavam aqui eram alunos aplicados e isso é muito surpreendente, quer dizer, como quase que eles passam por uma outra cultura de uma maneira muito aplicada. E eu digo isso porque hoje em dia se diz “Ah, porque nossos alunos tem muitas deficiências, têm essa deficiência...”. Tem que ver exatamente o conjunto do aluno, quer dizer, eles eram ótimos alunos lá nas suas escolas, eles tinham domínio da língua portuguesa, eram, enfim... Conheciam as suas disciplinas... Mas eles não tinham a cultura, vamos dizer, de origem da casa, quer dizer, muitos moravam em palhotas. Nós visitamos, os colégios do sul eram todos assim... Marco Antonio e eu visitamos famílias que moravam, enfim... Moradias antigas muito precárias, muito precárias, de fato, e eles tinham muitos problemas, problemas com energia, muitos carregavam lenha para casa e água.

K.K. – E a ideia é que eles vinham passar quatro anos aqui?

G.V.B. – A ideia era fazer o curso de graduação. E era fazer somente a graduação aqui em Ciências Sociais. Mas alguns fizeram mestrado, ficaram aqui, eu acho que um ou dois chegaram a fazer o doutorado, não me recordo bem. E eles faziam, mas eles tinham um acompanhamento muito próximo, quer dizer, tanto do conjunto dos professores quanto de um professor que se destacava para acompanhar um desses alunos dentro de sua pesquisa.

K.K. – E os temas de pesquisa deles? Quer dizer, eles não escolhiam, se integravam nas... Ou havia um interesse específico, por exemplo, em pensar essas relações Portugal-Moçambique-Brasil, ou não?

G.V.B. – Ah, eu acho. Eu acho que tinha, pelo menos a Tereza Rufai Mendes, que foi a aluna que mais acompanhou, e muito querida, ela tinha um interesse específico sobre a questão... Porque a Tereza, ela já era o que chamavam de ‘assimilados’... Porque tem uma diferença... Ela me contava... Ela era católica e lá já tinha a Igreja Evangélica, tem a Muçulmana, então ela queria fazer um trabalho sobre a igreja, o papel da igreja católica lá, tomando as experiências dela, de vida lá em Moçambique. E outros que eu me lembro... Eram experiências vividas lá, que eles tinham vontade de pesquisar aqui. Eu não sei como

fizeram os outros professores, se entraram nas pesquisas dos professores, mas a minha experiência, sobretudo com ela, que foi que realmente eu acompanhei e mantenho um contato até hoje, e a Tereza queria fazer sobre essa...

K.K. – E ela hoje é professora lá?

G.V.B. – Não, ela trabalha numa ONG inglesa lá.

A.G. - Gláucia, não sei se você se lembra, mas se na época tinha algum esforço similar a esse no campo das Ciências Sociais e em outros campos, que estavam tentando estabelecer parcerias com instituições de outros lugares do mundo, ou mesmo do Brasil, para fortalecer ensino de medicina ou de, não sei... Outras áreas?

G.V.B. – Não. Não, o que havia não era... Esse programa não era com a universidade... Era com as escolas que estavam ligadas ao Ministério da Educação.

A.G. – Ao governo?

G.V.B. – Era com o governo.

A.G. – O meu interesse na verdade é por que o campo das Ciências Sociais?

G.V.B. – Eu acho que isso também foi muito... Eu acho que isso foi uma ideia do Peter Fry! Eu tenho a impressão, não tenho certeza [risos]... Mas o Peter acreditava...

K.K. – Ah, é, o Peter estava na Ford...

G.V.B. – O Peter estava lá. Ele estava dirigindo a Fundação Ford para aquela região Sul da África e ele tinha feito eu acho que seus estudos, doutorados, no Zimbábue e conhecia a língua nativa, uma parte dela e era falado também em Moçambique, ou parecido com ela e enfim, eu acho que surgiu daí, não sei se teve a ideia... Depois eu me lembro de um

primeiro encontro aqui no IFCS, já no Laboratório de Pesquisa Social, já tendo esse projeto de iniciação científica caminhando, que surgiu o que as pessoas chamavam esse Projeto Moçambique. Então, esse projeto Moçambique era um projeto nosso, quer dizer, ali do IFCS, da UFRJ, os professores de lá, com o curso de Ciências Sociais, a Fundação Ford e tenho a impressão que o governo mesmo, o Ministério da Educação de Moçambique. Então era só as Ciências Sociais, não havia, pelo menos que eu saiba, nenhum outro interesse. O que aconteceu depois, eu não sei se depois ou antes, ou se sempre houve isso, é que o Itamarati, ele recebe, sempre recebeu, alunos de diferentes países africanos de língua portuguesa. E depois desse Projeto Moçambique eu tive muitos alunos, alunos de Guiné-Bissau, alunos do Cabo Verde. Até do Cabo Verde, uma aluna que ficou bastante tempo, o marido fazia Engenharia e ela fez o mestrado com minha orientação, Vera Lúcia Lima e tive outros alunos também de Angola, mas aí já através de convênios com o Itamarati. Eram alunos que tinham...

K.K. – Que até hoje ocorrem, não é?

G.V.B. – E que até hoje... Eu acho que esse convênio existe até hoje ou eles têm alguma... A eles é permitido a entrada diferente dentro da universidade, eu não sei exatamente como é, mas...

K.K. – Aham, eu tive alguns alunos desse...

G.V.B. – Alguns alunos que eu não consegui, quer dizer, mas são alunos... Era diferente desse projeto... Eu acho que tive uns sete alunos...

K.K. – Sim, são alunos que tem... Hoje esses alunos – que eu tive, pelo menos nessa experiência de ensinar – tem bastante dificuldade com a língua, com a escrita, com tudo. Não era a mesma situação naquela época, vocês estavam justamente trazendo aqueles que demonstravam mais habilidade.

G.V.B. – Mais habilidade. E também sempre diferenciando, quer dizer, jovens, jovens moças e rapazes. Havia menos moças no colégio, quer dizer, vieram menos, mas também eram mais ou menos...

K.K. – Diferenças étnicas também?

G.V.B. – Diferenças étnicas também, os Changanas, os Macuas, Quilimane. E isso foi muito pensado e eu acho que isso é uma questão muito importante na seleção, inclusive para evitar também, digamos, o poder local...

K.K. – Reforçar as hierarquias locais na cidade.

G.V.B. – Reforçar essas hierarquias locais, e sempre disse que havia, quer dizer, no caso da cidade de Beira eu me recordo que nós fomos procurados, Marco Antonio e eu, por pessoas do poder local, para indicar alunos, indicar nomes, futuros bolsistas e alunos da escola lá em Beira. Então, era para evitar isso, e essa conversa nós tínhamos tido aqui logo no início, na feitura mesmo do projeto, que a seleção não poderia ser uma seleção política. Isso teria que ser, digamos, controlado pela coordenação do Projeto Moçambique, não podia ser feita assim, sem que se tivesse esse controle. E também era muito bom porque acaba que alguns professores foram a Moçambique e isso nos deu uma... Nos trouxe muitos conhecimentos sobre a vida daquelas pessoas, como era efetivamente, porque as vezes você não imagina. Então eu creio que esses outros, eu digo outros, os que vêm através do Itamarati, eu não sei que tipo de seleção é feita para que eles venham.

K.K. – A gente podia até depois investigar. E Gláucia, dando um salto e você estava mostrando para a gente o livro do Congresso Luso-Afro e aí alguns anos depois...

G.V.B. – As minhas relações com as Ciências Sociais com os países de língua portuguesa. Então o que aconteceu, não me lembro bem, acho que foi década de 90 também...

K.K. – 96.

G.V.B. – 96... Estava havendo uma conversa muito grande para a formação de uma associação de Ciências Sociais de países de língua portuguesa. Eu participei dessa primeira digamos essa primeira rodada de discussões...

K.K. – Você lembra quem estava conduzindo isso?

G.V.B. – Olha, eu me lembro que tinha o José Vicente Tavares e eu me lembro que isso foi no IFCS, tivemos uma reunião, estava Elina Pessanha e Yvonne, eu... Quem mais... Peter Fry...

K.K. – Renato Lessa, não?

G.V.B. – Não.

K.K. – Não estava ainda?

G.V.B. – Não, não estava ainda. Isso foi muito ainda muito no início talvez da formação dessa associação e tinha que se discutir o local do Congresso Você sabe que local de Congresso sempre rende uma boa discussão [riso]. E finalmente ficamos no Rio encarregados e responsáveis pela organização do Congresso, foi um Congresso, acho que foi muito bem-sucedido, o local do Congresso foi no IFCS e vários dos professores do IFCS participaram das comissões, comissão acadêmica, comissão científica e da organização; me lembro Maria Laura Viveiros de Castro, ela trabalhou muito, trabalhamos muito selecionando os... Naquela época não eram disquetes pequenos, eram aqueles [INAUDIVEL], que outro dia ainda tinha no [INAUDIVEL] [riso], jogar fora, talvez ainda tenha algum... Me lembro que ficamos com um monte, um monte de material, uma coisa impressionante e bom... E aí eu tive contato com alguns, também, professores de Portugal... Eles trabalhavam mais na área da Sociologia do trabalho e tinha uma certa parceria com Elina Pessanha e Regina Morel.

K.K. – Você lembra de algum específico?

G.V.B. – Não me recordo agora do nome, mas eu sei que tivemos ainda um contato com eles... Bom... Eu não cheguei a ter um contato assim mais próximo...

K.K. – No sentido de trabalhar junto, não é? Mais de recepcionar...

G.V.B. – No sentido de trabalhar junto. E até tive desejo de fazer isso, depois do Congresso, mas não sei exatamente por que motivo, eu me lembro que eu tinha esse interesse e muitos de nós tivemos, quer dizer, não só eu, outros professores do IFCS tiveram na ocasião, o interesse de manter uma parceria, de fazer um projeto conjunto. Mas do Congresso ficaram os Anais do Congresso com a seleção de alguns trabalhos. Aliás, o Congresso foi muito bonito, teve uma exposição belíssima que veio de Portugal que ficou no Centro Cultural Banco do Brasil e foi organizada, também, uma amostra de filmes pela Ana Maria Galano. Isso foi uma das atividades muito bem-sucedidas do Congresso e a exposição foi trazida toda de Lisboa, não sei se somente Lisboa ou de outro lugar, mas foi uma exposição muito bonita. Bom. Depois, eu persisti sempre com o desejo de ter alguma parceria, mas dentro da minha área e eu fui ao... Não sei se o segundo Congresso, mas fui a um Congresso em Moçambique, em Maputo e desse Congresso... Foi ótimo porque eu revi algumas pessoas que eu tinha conhecida na viagem anterior. Aliás, algumas, curiosamente sabiam que eu estava lá, foram me procurar Isso é muito simpático. Vi pessoas, assim, depois de alguns anos, que foram pessoas que ajudaram nas cidades por onde a gente passava, quer dizer, nada tinham a ver com as Ciências Sociais, mas que tinham nos ajudado, a mim e ao Marco Antonio e foram me procurar no hotel, e alguns ex-alunos, a Tereza, novamente conversamos. Mas, novamente, não consegui fazer essa parceria. Na realidade na ocasião eu apresentei um trabalho que era sobre a questão da evasão, eram questões das Ciências Sociais e eu me lembro que havia no grupo um interesse, por parte de um professor português, mas eu também enveredei por outras coisas e não mantive. Acho que foi uma pena; nessa ocasião, já na Assembleia, o Renato Lessa já estava... O professor... Que esteve até agora na SPS também... Eu acho que aí foi se formando um grupo com moçambicanos, portugueses e brasileiros que foram tomando a organização dessa associação e dos

Congressos. E eu ainda fui à um Congresso, que eu acho que foi Renato Lessa que organizou aqui no Rio de Janeiro, num lugar aliás muito bonito aqui no Rio, mas nesse Congresso eu fui para apresentar um trabalho que era um trabalho da Ana Maria Galano, que a Bela Feldman-Bianco tinha me pedido para... Ana Maria não estava bem, então ela me pediu para ler esse trabalho da Ana Maria. Então eu fui e reencontrei os ex-alunos que agora já eram professores e que estavam no Congresso. E esse foi o último Congresso que eu fui e depois não... Não tive mais contato.

K.K. – E com Portugal, Gláucia, você já teve alguma aproximação por essa vida das Ciências Sociais ou não, foi mais Moçambique mesmo?

G.V.B. – Não, não tive. Eu conheço alguns nomes, livros, mas eu não tenho nenhum contato.

K.K. – Gláucia, então acho que a gente pode voltar um pouquinho no tempo, a gente mais ou menos na outra entrevista parou com o final do teu doutorado. Não vamos voltar para essa época, mas a gente falou um pouco da tua experiência como professora e enfim, depois você ocupou uma série de posições no próprio IFCS, já num outro momento, quer dizer, já você como docente e, enfim, como membro da comunidade IFCS. E hoje você falou um pouco do Laboratório de Pesquisa Social... Então, acho que a gente tinha interesse em ouvir... Quer dizer, existe nessa área toda uma polêmica do que são as Ciências Sociais no Rio de Janeiro, as Ciências Sociais em São Paulo, não é, você é uma pessoa da área, então acho que seria interessante te ouvir sobre isso. Você, de alguma forma, reconstruiu o IFCS ali nos anos 80. Teve os 50 anos do IFCS também...

G.V.B. – É, teve... Foi realmente... Olhando para trás [risos]... São tantos anos... Foram feitas muitas coisas, não é? Eu vou falar primeiro do IFCS, depois eu vou falar desse debate Rio-São Paulo. Quer dizer, o IFCS, de fato, quando eu cheguei no IFCS na década de 80...

K.K. – Teve uma emoção... Assim, eu queria te ouvir um pouco... Teve uma emoção grande, depois de tudo que você passou ali dentro, voltar como professora?

G.V.B. – Fiquei, fiquei. Fiquei muito emocionada. Eu me lembro bastante e eu tive que fazer um exame de seleção naquela época... Professor não era professor substituto era professor horista e o chefe de Departamento era Antonio Celso. E eu soube – estava chegando, tinha um mês que tinha chegado da Alemanha – e aí soube que iam fazer essa seleção, alguém me disse... Me lembro que na época eu liguei para duas pessoas, uma era o Gilberto Velho [riso] e a outra era o Jether Ramalho... Não sei se... Acho que foi o Jether Ramalho que me disse: “Olha, vai haver uma seleção”; eu nem titubeei. Vi os pontos... E a seleção era quase uma espécie de concurso na realidade e acho que a Alzira Abreu estava nessa banca, não tenho certeza, mas acho que a Alzira estava nessa banca. Bom, assim eu entrei pro IFCS e fiquei realmente muito, muito emocionada de voltar. Mas o IFCS estava muito diferente. Realmente as situações físicas, que ainda hoje nós reclamamos, eram muito, muito, comparativamente, muito mais precárias e também do ponto de vista acadêmico, não havia praticamente nada devido à repressão que houve, quer dizer, os professores mais velhos já tinham saído; há uma diferença bem grande do IFCS com relação a outras instituições, talvez tenha isso ocorrido em outra instituição, mas das que eu conheço há uma diferença muito grande. Que nós não temos... Não fomos recebidos por professores, não sucedemos professores, então...

K.K. – Ele ficou muito esvaziado mesmo durante a ditadura, não é?

G.V.B. – Muito esvaziado, quer dizer, nós tínhamos uma ou outra pessoa para perguntar como era isso, tanto que eu acho que os 50 anos, eles foram importantes na época por que muitos professores ajudaram, como a Stella Amorim, quer dizer, ela que nos contava a memória de como era, quer dizer, nós tínhamos a memória como alunos... Alguns, nem todos também tinham sido alunos, então também não tinham essa memória. E, bom, e não tinha nada, realmente, não tinha nada, só tinha sala de aula e olhe lá! Não tinha biblioteca. Nos dois, três anos...

K.K. – Não tinha biblioteca?

G.V.B. – Não, não tinha biblioteca. Eu me lembro que tinha uma pequena sala que tinha um funcionário, aliás, muito simpático que era da minha época de estudante, ele abria uma portinha e perguntava que livro que você queria. Então, ele tinha guardado ali alguns livros e ele passava aqueles livros para a gente. Mas quando os professores cassados puderam voltar, eu não sei que ano foi esse, foi o ano em que começaram a se abrir várias portas do IFCS e aí veio a biblioteca, porque ela estava toda jogada... Jogada, simplesmente... Me lembro bem da Maria Laura abrindo portas e... Para a organização dos livros. Depois, em outro momento, me lembro, eu mesma e Yvonne abrindo uma sala enorme, cheia de documentos, com várias fotos, e nós naquela ansiedade de “Ai, vamos guardar todos esses documentos”. Eu acho que algumas dessas coisas estão no arquivo do IFCS, que é um arquivo administrativo, não é um arquivo de memória do IFCS, que eu acho que um dia talvez se pudesse fazer isso. Mas de toda forma, algumas coisas foram para esse arquivo administrativo, eram diversas fotos, fotos do Instituto de Ciências Sociais e documentos também. Tudo isso estava desorganizado. E a parte acadêmica... Quem éramos nós? Nós estávamos fazendo nossas teses de doutorado. Então, ao mesmo tempo que dávamos aula, fazíamos as teses e aí um ia acabando e depois outro foi chegando, que já tinha, no caso, a Alice Abreu, por exemplo, já tinha feito doutorado, depois veio a Bila Sorj, Bernardo, que já tinham doutorado e outros iam terminando suas teses de doutorado e havia duas discussões realmente. Quer dizer, uma era relativa à graduação, muito forte, por que nós julgávamos que o nível era muito, muito... Aquém do desejado. E o outro era com relação à pós-graduação, que precisávamos ter uma pós-graduação. Então, houve um movimento, cerca de 20, 22 professores, alguns estão começando a se aposentar, outros ainda estão no IFCS, que se organizaram e foram buscar recursos, recursos da FINEP, de pós-graduação, através da Alice Abreu, os recursos da Fundação Ford, através da Yvonne Maggie e Peter Fry, também, para a graduação, para formar esse programa de iniciação científica e isso feito mais ou menos na mesma época e também terminando as teses de doutorado. Então eu acho que foi um período importante que nos uniu muito, quer dizer, esse grupo ficou muito unido, naturalmente, apesar das diferenças disciplinares, apesar das diferenças individuais, houve um momento, uns dez anos eu diria, de uma enorme coesão, no sentido de reconstruir o Instituto do ponto de vista da pesquisa, do ponto de vista da pesquisa da docência, sem dúvida alguma, de publicação, até esses seminários sobre a graduação, esses outros seminários – que tem agora esse livro, organizado pelo Marco Antonio Gonçalves e por mim

– eram seminários dessa época em que chamávamos também professores de outras instituições. Sempre, sempre tínhamos isso muito claro, que devíamos manter o contato com as outras instituições das Ciências Sociais, então tinha de São Paulo, de Minas, Recife, o CPDOC aqui no Rio de Janeiro, Iuperj, quer dizer, fizemos muitos seminários sobre o ensino da graduação ou sobre temas mais abertos como esse do Brasil na virada do século, um seminário mais amplo, mas para trazer pesquisadores. Isso realmente foi algo que eu aprendi muito na prática com os meus colegas nessa reconstrução da docência e da pesquisa lá no IFCS e com o grupo que eu tive na Anpocs, não sei se já falei sobre isso, que também em ajudou muito...

K.K. – Qual era o grupo, o nome?

G.V.B. – O grupo era Estudos da Cultura Brasileira, que era um grupo que tinha sido organizado pela Maria Isaura Pereira de Queiroz. Então, eu já tinha logo, desde 80, comecei a participar da Anpocs através desse grupo coordenado pela Maria Isaura, então eu tinha contato com Renato Ortiz, com Sérgio Miceli, com Ruben Oliven... Tínhamos praticamente dois encontros por ano por que às vezes a Maria Isaura resolvia fazer seminários intermediários; e fui conhecendo pessoas de fora da instituição. Naturalmente, meus colegas também estavam fazendo seus doutorados, também iam ampliando seus círculos com outras de Sociais, com outras instituições. Os recursos. As ideias. Porque eu acho que tem que se ter ideias e o interesse enorme que tínhamos em... Enfim, dar condições para que o IFCS tivesse uma atividade regular e de bom nível...

K.K. – E você lembra em que ano foi que... Por que a pós-graduação não se chamava PPGSA, não é? Como é que foi essa...?

G.V.B. – Não. Não. Havia um mestrado anterior que era um mestrado em Ciências Sociais ainda acho que junto com a Ciência Política, eu creio que a Madel Luz participou muito, ela teve um empenho muito grande na coordenação desse mestrado que já existia, mas deu maneira ainda bastante modesta e depois era um mestrado em Ciências Sociais, depois ele se torna, eu acho que mestrado em Sociologia... E com esses recursos da FINEP e com

a reunião de professores da área da Sociologia do trabalho em que vinha o José Ricardo Ramalho, a Bila, a Alice, Regina Morel, Elina Pessanha, se juntou um grupo mais forte, que teve também recurso grande da FINEP e que se vai começar a discutir o programa – era um programa de pós-graduação em Sociologia – que incluísse mestrado e doutorado... E isso é curioso, porque nessa nossa discussão sobre o programa de pós-graduação em Sociologia, na verdade, nos juntávamos nas linhas de pesquisa, antropólogos e sociólogos, quer dizer, nossas linhas de pesquisa, elas incluíam, integravam professores das duas áreas, dizer só o meu exemplo: foi importantíssimo um projeto – naquela época era coletivo, não era individual – um projeto do CNPq, me recordo muito bem que a Maria Laura teve essa ideia, que foi ótima, maravilhosa, de pedirmos recursos para o CNPq para uma área da Sociologia da cultura, ritual e [INAUDÍVEL], acho que tinha um outro nome inicialmente. E um dia, estávamos dividindo...

K.K. – Eram projetos integrados, não é?

G.V.B. – Projetos integrados do CNPq e eu me lembro perfeitamente disso, fiquei muito entusiasmada. Então sentamos Reginaldo Gonçalves, Ana Maria Galano, eu e Maria Laura e fizemos, começamos a fazer... E trabalhamos juntos, tivemos, durante alguns anos, o recurso do CNPq, com bolsistas, com apoio técnico, então havia um interesse e um entusiasmo e o fazer, não é, porque isso tudo você pode ter assim... E às vezes não chega a concluir, a executar. E isso foi se formando como uma linha de pesquisa e outros tinham a linha da Sociologia do trabalho e havia outras também da Elina com a Regina Morel, estavam sempre muito juntas nos seus projetos, de modo que quando houve uma outra discussão, quer dizer, a Antropologia cresceu muito no programa e houve uma discussão sobre a necessidade de se colocar também a Antropologia, se modificar talvez a emissão do diploma, com o nome da Antropologia... Tivemos uma discussão interna e que houve um acordo de que isso seria muito bom para o programa. É curioso porque rever depois é muito diferente de [risos]... De vivenciar isso, mas eu me lembro que foi... E tínhamos naturalmente diferenças, mas tínhamos esse desejo muito grande de fazer um bom programa de graduação. Daí eu participei, foi uma época que eu participei mais na pós e aí houve muita discussão, sobretudo com o programa de pós-graduação do Museu Nacional devido ao título,

ao nome do programa e ao título e enfim, aí depois se conseguiu a criação do departamento de Antropologia cultural e se colocou no programa também.

K.K. – E Gláucia, a Ciência Política sempre ficou um pouco de lado ali nesse conceito de Ciências Sociais? Porque a gente, afinal de contas está falando: vem das Ciências Sociais esse primeiro mestrado, mas a Ciência Política foi saindo por falta de pessoas integradas ou por uma questão da área mesmo não conversar, qual a tua avaliação disso?

G.V.B. – A minha avaliação é que os integrantes do departamento... Nós tínhamos um departamento de Ciências Sociais... Nós procurávamos reunir sempre... E havia uma diferença de interesses. muito grande. e uma diferença também do conjunto. Eu acho que a Antropologia e a Sociologia, apesar das diferenças internas e entre as disciplinas, nós tínhamos uma certa homogeneidade. Todos estavam querendo, fazendo... Ou tinham acabado de fazer suas teses de doutorado ou estavam terminando suas teses de doutorado e havia um grupo relativamente grande de pessoas nesta situação. Acho que a Ciência Política integrava pessoas de diferentes interesses e, digamos, em diferentes fases da sua vida profissional. Eu acho que isso fez uma diferença na nossa conversa. Naturalmente naquela época, brigávamos enlouquecidamente nas nossas reuniões, porque pensávamos num currículo, a Ciência Política pensava outra coisa e tal... Essa é uma avaliação eu faço hoje. Eu acho que havia diferenças entre os professores do departamento de Ciência Política no que diz respeito aos seus objetivos, ao momento da sua trajetória, a relação com o Instituto e não formava um grupo mais homogêneo como a gente formava no que diz respeito ao interesse na pesquisa e no que diz respeito... Porque o doutorado era muito importante também, outra coisa que vale a pena dizer, é que não é como era hoje, as teses de mestrado antes eram grandes teses, não tinha doutorado, era muito pouco, então a tese de doutorado era algo de peso, significava isso, minha orientadora dizia sempre, Maria Isaura, “entrar no mundo da pesquisa” e isso fazia toda uma diferença, você começava a se individualizar e se diferenciar das outras pessoas que não faziam pesquisa. Era muito forte isso, eu me lembro que isso... Todos os meus colegas, José Ricardo, Neide, [INAUDÍVEL]... Eu me lembro que nós discutíamos as nossas teses, nós sabíamos o que o outro estava fazendo. Não chegamos a discutir a tese, mas nós sabíamos quem era o

orientador, o que estava fazendo, qual era a linha. Tinha isso, assim, de uma maneira muito, muito forte, que diferenciava o grupo da Ciência Política...

K.K. – Ou seja, você esteve dizendo que tinha uma atitude mais, uma identificação mais forte com se tornar um cientista, um pesquisador; já no processo de fazer a tese doutorado. Talvez hoje seria posterior ao doutorado essa...?

G.V.B. – Certamente. Eu vejo assim. Eu vejo... Porque você imagina, a gente fazia as teses, a gente dava aula, a gente estava querendo mudar aquela situação de lá e tinha realmente uma... Hoje em dia, eu acho que o jovem, ele faz o mestrado, faz o doutorado e ele dá início... Aí que ele começa efetivamente... Amadurece, digamos, mais ou menos, eu não sei se estou sendo... Defendendo a minha geração [riso], eu não sei se é isso, mas o fato é que muitos de nós trabalhávamos.

K.K. – Pois é, isso é uma coisa que eu fico pensando. Talvez pela idade, pela experiência de vida, por tudo que aconteceu também no período que vocês eram jovens, jovens nesse sentido graduandos, havia... Você chegava no doutorado mais amadurecido também como experiência de vida também, não só como pesquisador.

G.V.B. – Exatamente, nós éramos mais velhos, quer dizer, terminamos nossas teses, sobretudo as mulheres, mais tarde, isso era algo que comentávamos muito, que as mulheres, pelo menos no nosso grupo, mas eu creio que talvez, *talvez* isso possa ser um dado importante, mas as mulheres terminaram depois que seus maridos. Acho que quase todas elas, casadas com acadêmicos também, com pesquisadores, terminaram depois.

K.K. – E o que você atribui a isso?

G.V.B. - É diferente, quer dizer, as discussões eram diferentes, tudo estava começado, então naturalmente, dentro dessa visão mais machista mesmo, quer dizer, o homem começava primeiro e muitas mulheres tinham filho, não programavam essa vinda dos filhos para depois da sua formação. O que eu acho que alonga esse tempo: muitas fizeram suas teses lá

mesmo no IFCS e tendo os filhos juntamente [risos]. Então eu acho que essa questão da maternidade...

K.K. – São amigos hoje, os filhos de vocês, como é que é isso?

G.V.B. – Alguns, não, eles se conhecem... Os filhos, os nossos filhos, os filhos de meus colegas, os meus filhos?

K.K. – É, é.

G.V.B. – Ah, muitos, muitos se conhecem e conviveram, sabem das teses e que era pesado para eles [risos] e que eles não gostavam muito de ver suas mães fazendo teses [risos]. Mas eu, Karina, eu acho que era diferente e acho que naturalmente tinha isso, do homem fazer primeiro, quer dizer, ele primeiro para sua carreira, ele cuidar disso, antes. Mas eu acho que foram mulheres que também perseveraram. Porque a gente acaba conhecendo muito da nossa época e algumas que perseveraram...

K.K. – É. E além de demorar mais, era mais duro para as mulheres fazer.

G.V.B. – Era mais duro, porque também tem sempre o desejo da maternidade; hoje em dia eu leio uns artigos, vários sobre isso, as cientistas francesas, as cientistas norte-americanas, quer dizer, ou elas não abdicam da maternidade, ou deixam isso para depois, mas quando elas se tornam mães, elas não podem mais exercer certas funções... Eu acho que, naquela época pelo menos, não sei se tínhamos tanta consciência disso, assim, que você pode ter a posteriori, não é? [riso]

K.K. – Minha mãe diz assim: “A gente não pensava”. [risos] Não pensava tanto.

G.V.B. – Não pensava tanto, mas eu acho que não tinha esse planejamento tão grande, não tinha esse “Ah, agora vou terminar, vou ter um trabalho fixo, tem um salário...” e aquilo ia um pouco acontecendo.

K.K. – E Gláucia, você falou que ia deixar para depois, mas então chegamos no depois, temos uma hora...

G.V.B. – É que eu estou aqui pensando na resposta a pergunta... [riso]

nessa ideia um pouco didática eu acho que a gente tem uma linha de história das ciências sociais no Brasil, que ficou muito marcado até pela produção que os livros organizados pelo Sérgio Miceli, como você sabe, acho que é uma obra de referência, não é, pelo conteúdo dos capítulos que eles reuniu e tudo, mas ao mesmo tempo ele tem uma tese, muito polêmica sobre a origem um pouco das Ciências Sociais nos dois maiores Estados, não maiores, mas enfim, Estados mais hegemônicos culturalmente do Brasil, que é Rio de Janeiro teria uma matriz de ciência social mais politizada e São Paulo teria um paradigma científico, vamos dizer assim [riso]... E acho que você, como uma pessoa da área, podia, enfim, dar uma visão alternativa, ou ponderar algumas coisas sobre isso, sem um compromisso maior, mas acho que, enfim, dramatizar um pouco, pela tua visão.

G.V.B. – De fato, eu acompanhei, eu acompanhei bem, inclusive no grupo da Anpocs que o Sérgio pertencia a esse grupo inicial, antes do grupo do pensamento social ser formado, o Sérgio integrou o grupo, que era organizado pela Maria Isaura. Então sempre trouxe, inclusive, até fazendo ainda essa pesquisa, esse projeto estava em andamento, e trazia suas ideias. Eu penso o seguinte: com relação à abordagem do Sérgio, eu acho que na verdade o Sérgio traz uma medida e qual é essa medida? A medida é de uma proximidade ou de um distanciamento das instituições científicas ou universitárias e científicas das instituições políticas. Ou seja, quanto mais elas demonstram se afastar de uma instituição política nos seus temas, nas suas abordagens, nas suas proposições mais normativas, elas estariam mais afastadas dessas instituições políticas e naturalmente, ao mesmo tempo a prática de fazer ciência obedeceria a certas regras. Mas a medida é a autonomia das instituições científicas com relação às instituições políticas. Isso é uma medida, então... Que você já tem a priori, você pode dizer, eu quero saber o quanto que na Universidade de Minas Gerais o grupo de cientistas sociais que lá esteve durante xis tempo era ligado e atendia demandas do governo

local, ou nacional, etc, ou não. Eu prefiro as nuances, as medidas únicas, porque eu acho que, concordo com você que é um livro de referência, importantíssimo, mas que marcou um debate, dentro das Ciências Sociais onde não há nuances, quer dizer, ou você está mais próximo ou menos próximo de uma agenda política, digamos assim. Ou você tem certos hábitos mais acadêmicos ou você tem menos hábitos acadêmicos. E isso na realidade, durante muito tempo, inclusive com colegas como a Helena Bomeny, como a Lucia Lippi, que também participaram dessa discussão, Eduardo Jardim, discutíamos muito da necessidade de se ter outras abordagens sobre as Ciências Sociais que não fossem... Não que não fossem ver as instituições, poderia se estudar sim as instituições de Ciências Sociais, mas não dentro dessa medida, ou paradigma, se você quiser. Para que se pudesse conhecer melhor, porque essa medida única não permite o conhecimento, digamos, mais detalhado da história, dos integrantes de uma instituição, era “vai ali e você pode mapear a partir dela”, o que deixa muito de fora, muito da história, muito da compreensão da vida das instituições. Eu particularmente acho e, sobretudo agora depois de ter vivido esses três anos na vice direção do IFCS, eu acho uma das coisas mais difíceis é a realização de uma instituição, você criar uma instituição. Depois de pronto é muito fácil, mas você criar, isso demanda uma mobilização e de muita gente, demanda um engenho político fino e, logo, demanda uma legitimidade, um reconhecimento dessa instituição. Não é tarefa fácil criar uma instituição. Então eu acho que comparando essa questão de Rio e São Paulo, eu penso que essa matriz, ela não... Era importante, marcou, mas ela não satisfaz aquele que deseja conhecer melhor esses projetos, a constituição, a história, e o Rio de Janeiro, estou vendo agora nesse outro projeto que é sobre a arte, não é sobre Ciências Sociais, o Rio de Janeiro tem uma vida muito própria que foi muito esquecida rapidamente, porque é como se a cidade do Rio de Janeiro fosse conhecida somente a partir do esvaziamento que ela tem com a saída da capital e com a saída também dos investimentos econômicos, no final da década de 50, 60. Como se ela tivesse esvaziado, isso fica mais recente na memória das pessoas. O que se esquece, isso... As Ciências Sociais convivem numa cidade e a cidade era capital e era a cidade mais... Onde se produziam livros, por exemplo, nesse meu trabalho da vocação das Ciências Sociais mostra isso, e livros que eram livros publicados pelo governo, mas vários que não eram livros ideológicos, mas que eram livros outros de Manuel Diégues, e enfim, de tantos outros, Fernando de Azevedo, que publicavam pelo Estado, porque naquela época ainda não se tinha um mercado editorial tão forte, mas o Rio começa com esse mercado editorial forte nessa

época. Enfim, o que eu estou dizendo é que para... Eu creio que seria interessante se fazer uma nova história das Ciências Sociais em que essa, digamos, essa diferença tão marcada, que vem em tantos livros. E ela vem de formas diferentes, quer dizer, vem no livro do Sérgio, mas vem no livro também do Werneck Vianna, quer dizer, a gente está sempre se batendo na mesma tecla dessa diferença e a mim me parece que se deixa muito da vida institucional e da vida de pesquisa, pesquisadores, fora desse esquema. Não entra no esquema, é como se você tivesse um esquema, então você põe as coisas dentro de um esquema. Então vou dar somente um exemplo, não dei continuidade a isso, mas tive muitas conversas, muito boas, com a Lucia, com a Helena e que eram outras instituições; aqui no Rio você tem o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, tem o Centro Latino-Americano de Pesquisas Sociais; pouco se estudou sobre isso e só estou mencionando esses dois, mas tem outras, várias tentativas bem-sucedidas, não acho que fossem mal sucedidas não. Eu me recordo de uma época que eu tentei mapear com os alguns alunos do Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, eles fizeram muita pesquisa, pesquisaram muita coisa, o próprio Florestan Fernandes publica antes livros, ele publica antes no Rio de Janeiro antes de publicar em São Paulo. Então a minha ideia é essa, eu acho que tem que se ampliar isso, eu acho que é bom você...

K.K. – Uma visão mais de dentro, não é?

G.V.B. – Mas você tem que ter uma visão mais de dentro com nuances, finas, para você conhecer melhor. E...

K.K. – Gláucia, você falou que é muito difícil construir uma instituição e que você também viu isso de muito perto como vice-diretora do IFCS. Isso significa que o IFCS ainda está em construção?

G.V.B. – Eu acho que sim. [risos]

K.K. – [risos] Como é que você vê isso?

G.V.B. – Eu acho que tem... Por exemplo... Além da... Eu acho que no IFCS falta ainda, sempre digo isso, fazer coincidir a parte física do IFCS com a sua parte acadêmica. Há uma discrepância. E, academicamente, o que é bom tem que ser mantido, por isso que você não descansa numa instituição [riso]. Você tem que manter e até melhorar. O que é bom você tem que manter, o que ainda não está bom, você tem que melhorar, e no caso específico do IFCS, eu acho que falta fazer, embora tenha havido naturalmente melhoras físicas, mas não importa, eu acho que há que se melhorar mais para que seja lá no prédio, seja no outro prédio, seja onde for, que essa parte ela também traduza o que o IFCS é academicamente. É uma constante vigilância, as instituições têm mais atenção a isso atualmente, as instituições têm que manter uma vigilância com relação a elas mesmas. Elas também têm que mudar. Daí vem as novas direções, eu acho isso interessante porque é uma outra... Não é? Aquilo que as gerações recebem e agora eu vejo isso muito claramente, acho que sou privilegiada de ter vivido isso, porque eu vi uma parte onde não tinha muita coisa e agora eu vejo que já tem vários jovens e a minha geração já começa a sair. E daí eu fico, às vezes, imaginando como é que vai ser, diferente do que foi para minha geração. Então uma instituição tem muita vida. É como dizia agora, eu contava para um colega sociólogo alemão e ele dizia “Mas então a vida de vocês não tem monotonia, não é?” e eu dizia “Acho que não” [risos], não tem monotonia, nenhuma.

K.K. – E Gláucia, você foi agora, acabou de ser presidente de um grande Congresso, a SBS, e acho que isso deve ter te dado uma visão muita rica do que é, não só a Sociologia, tinham muitos antropólogos inscritos, muitos cientistas sociais, acho que em geral. Qual teu balanço, assim, dessa experiência?

G.V.B. – [risos] Para dizer a verdade?

K.K. – Para dizer a verdade, além do cansaço! [risos] Depois você edita, não tem problema.

G.V.B. – Olhe, quem fica na organização, quem fica na produção, você fica num lugar muito marcado. Eu acho que foi um Congresso muito bom, eu vi muita coisa, porque as pessoas me dizem, mas você fica de um lado, na organização, até o final, até o último

dia, que é um lugar muito, muito definido, de responsabilidade. Eu acho que os eventos... Eu tenho muitas ideias agora sobre os eventos, que não vale a pena contar, quer dizer, pensei muito sobre, porque os grandes eventos, porque nós crescemos e os eventos têm um número maior de pessoas, um número maior de mesas, um número maior de participantes e eu fico pensando em formatos, comecei a pensar em formatos de eventos que abrigassem tantas pessoas, mas outros formatos, seria possível isso, formatos onde a gente pudesse discutir nossos trabalhos num grande evento? Eu vivo atenta a isso, ouço outras pessoas, outros lugares que vêm falar sobre os grandes eventos, na área de Ciências Sociais: Sociologia, Antropologia, Ciência Política. Como fazer? Isso já discutimos, nós nesse mesmo Congresso da SBS, essa necessidade, eu acho imperiosa de reunir pessoas para discutir seus trabalhos, exporem seus trabalhos, um número grande, mas manter a qualidade do evento. Eu acho que é um desafio. Para mim, depois dessa experiência, um desafio muito grande e penso na possibilidade de formatos novos, não sei quais, mas outros formatos. Agora, tem uma visão minha muito pessoal sobre isso, eu fiquei feliz, estou feliz com o Congresso, mas naturalmente, eu comparo um pouco com a direção do IFCS porque foram duas coisas muito juntas, duas direções, e é muito diferente a organização de um Congresso para uma sociedade e a direção de uma instituição. E às vezes me parece que na instituição, as coisas podem ser vistas, elas podem ser vistas depois, pequenas coisas que se conseguiu fazer, pequenas conquistas, mas elas estão lá e o Congresso você não... É como um aluno, que depois você não vê nunca mais. O Congresso, claro, traz memória dele, você traz publicações, as pessoas se encontraram, fizeram contato, naturalmente, expuseram seu trabalho, debateram, mas ele, enfim, você não sente, eu não sinto, da mesma maneira como eu sinto alguns pequeninos projetos, avanços, ali dentro do IFCS.

K.K. – Talvez porque ele seja um pouco esse trabalho invisível mesmo, não é? É um grande trabalho, mas que você só vê se não dá certo, se dá certo ele não é visto.

G.V.B. – Ele não é visto, é duro [riso]. Eu achei duro.

K.K. – Foi grande a participação da graduação? Você acha que... A gente estava falando um pouco... Só para ir fechando alguns temas, acho que a gente até comentou na primeira

entrevista. Você comentou como é diferente fazer doutorado hoje, fazer doutorado na época que você fez e também os Congressos naquela altura eram de 300 pessoas, não é? Não passavam, assim, de milhares de pessoas. Hoje você não faz um Congresso com menos de 3000 pessoas. Vocês têm ideia do número de...?

G.V.B. – Mais ou menos, são 3000 pessoas, não chega a 3000. A Anpocs tem, parece, 1600, a Anpocs me lembro que no início tinha...

K.K. – Trabalhos, não é.

G.V.B. – De trabalhos.

K.K. – Fora o público...

G.V.B. – Fora o público, quer dizer, você tem trabalhos inscritos nesse último Congresso, eram mais de 2500. Tem uma participação grande da graduação, tem uma discussão grande sobre essa participação da graduação que eu acho que deve ser retomada, com muito cuidado, com a nova configuração das Ciências Sociais, que é diferente de 1980. Uma participação notada até por colegas meus que vieram de fora e como tinham os alunos mais jovens... E isso foi um debate grande, também, entre nós. E tem também, no caso das Ciências Sociais e da Sociologia, há uma mudança muito grande devido a essa inclusão da Sociologia na escola de ensino médio e isso faz com que mude um pouco a configuração das Ciências Sociais, da Sociologia e das Ciências Sociais em geral, porque também os antropólogos e cientistas políticos também ministram esse... Podem vir a ministrar essas disciplinas na escola. Eu acho que isso é uma novidade é uma novidade que tem que ser bem pensada, sempre, eu como sou da minha geração eu não posso negar, sempre pensando na pesquisa! E na docência. Não consigo pensar na Sociologia e nas Ciências Sociais sem o lastro de pesquisa. Então, mesmo essa formação, como é que ela pode se dar, pra escola?

K.K. – Formação pros alunos de ensino médio?

G.V.B. – É, para os alunos de ensino médio, quer dizer, que disciplina, o quê vamos ensinar no ensino médio? Eu acho que isso está aí pegando fogo, não é... É uma obrigatoriedade, eu não fui a favor dessa inclusão obrigatória, mas acho que ela existe e já que ela existe então é bom que se cuide dela.

K.K. – E é bom a gente chegar nesse tema porque é uma das perguntas que estava nesse final... Você foi uma das criadoras de um curso novo no meio disso tudo [risos], na direção do IFCS, na direção da SBS. Você foi uma das autoras do projeto da licenciatura das Ciências Sociais no IFCS, noturno. Então, enfim, você está realmente autorizada a falar quem é... Essa outra, vamos dizer, acho que se abre mesmo, dentro da idéia da profissionalização da Sociologia, das Ciências Sociais, um outro percurso, que é esse do professor que já sai da graduação com esse aval da licenciatura. Como é que foi pensar esse novo curso, que visão de cientista social vocês estavam imaginando, você e o André Botelho, quando...?

G.V.B. – Dessa semana passada, houve um seminário lá no IFCS com DAAD, Serviço alemão de intercâmbio junto com o IFCS, que foi muito interessante, foi sobre *Elites entre educação e poder*, na realidade também em homenagem à passagem de direção do DAAD. Mas eu fiz a coordenação de uma mesa, bastante interessante, um grupo muito bom, falou um professor alemão e falou o [INAUDIVEL] lá do Rio Grande do Sul, que é da área de física, química. E falaram sobre a universidade. E foi interessante que eles falaram das mudanças na universidade, tanto na universidade alemã como na universidade brasileira, elas dizem respeito a essa grande diferença entre pesquisadores, quer dizer, da universidade formar elites, cientistas e pesquisadores em diversas áreas e a universidade atender à formação de especialistas, profissionais que não necessariamente são cientistas e aí eu me recordei que durante toda a exposição dos professores eu fui me recordando de um conjunto de características aqui da universidade brasileira que realmente passei a estar muito atenta a isso e tem a ver com o curso noturno. De muito tempo, já de muito tempo, cerca de dez anos, talvez, eu participei de uma pesquisa grande, encomendada pela CAPES, ao Jacques Velloso, lá da Universidade de Brasília, financiada pela Unesco, que fazia a avaliação dos dez últimos anos da pós-graduação no Brasil, incluindo programas de excelência em todas

as áreas praticamente. E eu participei afincamente dessa pesquisa, coordenando uma parte aqui no Rio junto com outros colegas sociólogos e antropólogos. E eu aprendi muito. O que eu aprendi? Eu aprendi que as universidades, estamos falando das universidades brasileiras de maneira geral, elas não atendiam à demanda de jovens com a idade entre 18 e 24 anos que queriam entrar na universidade e que era preciso modificar alguma... Mudar, a universidade precisava mudar para atender a essa demanda. A universidade pública federal, que tem a pesquisa basicamente, junto com outros centros de pesquisa, como na FGV, como a PUC do Rio, enfim, vários outros, mas ela, com esses outros centros é que tem a responsabilidade da formação dos pesquisadores. Mas, contando com um sistema diferenciado que foi se criando, que eu nem sabia que existia, confesso, porque a gente nunca dá bola para isso. Já havia um sistema de centros universitários, faculdades e mesmo universidades privadas no Brasil e que esses centros foram também se avolumando e recebendo alunos dessa demanda e que o ensino superior brasileiro começou a se diferenciar, não havia somente universidade, ensino e pesquisa, como era aquela que sempre, da minha geração - eu, pelo menos – desejávamos, mas que era diferenciada devido a altíssima demanda dos jovens por esse ensino e uma capacidade pequena de atender a essa demanda. A gente atende a 10, 12%, nos Estados Unidos atendem 40%, 50% da demanda e outros países também. Então, isso me impressionou muito, muito, eu comecei a rever a minha posição, meu ideal de uma universidade só de ensino e pesquisa, pensando essa questão mais ampla. E daí, com o passar do tempo, comecei a ver que a universidade, mesmo a universidade pública era ociosa. Mesmo com tudo isso, ela era ociosa. E que ela também poderia atender a essa demanda. Bom. Outro problema: à universidade pública foram atribuídas por leis funções que ela não tinha e que eu, por exemplo, não desejava e também briguei contra. Exemplo: licenciaturas, formação de professores dentro dos departamentos, como é agora, e não num instituto especial que formasse, ao contrário, até os professores primários, eles agora não têm mais as escolas normais, quer dizer, passam a sua formação dentro das universidades. É uma realidade, não é um desejo, é uma realidade. Outra coisa, o curso noturno. Uma coisa que eu sempre fui contra. A USP sempre teve curso noturno de Ciências Sociais, eu sempre achei aquilo uma coisa... “Como que eles podem ter uma pós-graduação” - isso há muito tempo - “ter uma graduação e ter um curso noturno?” Não entendia. Daí eu comecei a entender que de fato, tem uma pressão enorme, muito grande, pela entrada na universidade e que a universidade tem que se pensar de uma maneira

diferente, não de acordo com meu desejo, com certeza. De acordo com uma realidade que é a inclusão de jovens e essa diversificação dessas atividades dentro da universidade. Aí vem toda essa... O curso noturno, nesse projeto de curso noturno do IFCS, feito com o André Botelho, o projeto, foi muito pensado no sentido de receber jovens, atender essas novas reivindicações da universidade, mas mantendo uma qualidade, quer dizer, sem diferenciar licenciatura e jovens para cá, os noturnos, os da manhã, o bacharelado, nosso programa de pós, porque isso impera em larga escala no debate da universidade e eu sou totalmente contra. Eu acho que são níveis diferentes de pós-graduação, mas como eu venho, quer dizer, aprendi no Laboratório, no programa de iniciação científica que você pode, paulatinamente, introduzindo, não é? Sai um pesquisador, mas você vai introduzindo a pesquisa nesse nível de graduação, acho que também é possível introduzir a pesquisa, não é “introduzir a pesquisa”, parece uma coisa assim, muito pomposa, mas não é isso, são certas noções nesse curso, até porque a Sociologia nas escolas de nível médio, ela ainda tem uma discussão difícil, porque ela é vista do ponto de vista normativo, ela é vista como uma disciplina que atravessa outras disciplinas, para formar o cidadão. E isso para mim é uma preocupação constante, constante [riso].

K.K. – [INAUDÍVEL], não
é?

G.V.B. – Claro! Porque eu acho que ela é a disciplina, ela não é esse... Se tornar o cidadão melhor, ótimo, mas o objetivo dela... Então, é uma briga, é como se... Na feitura de todo projeto, eu acho que tudo isso que eu fui falando estava presente, porque é difícil você discriminar, “foi isso, foi por isso, foi por aquilo”, mas tudo isso estava na cabeça da gente e no sentido da qualidade; já que tem que fazer, vamos fazer melhor. É melhor que professores num programa sete façam, e você forma um grupo bom, do que deixar para outro fazer. E curiosamente, eu dei algumas aulas nesse primeiro semestre no curso, eles não querem ser professores [riso], depois eu fiquei até um pouco frustrada [riso] porque eu perguntei várias vezes, e eles querem seguir a pós, querem fazer outras coisas. É muito curioso isso. Eu perguntei u m a s duas ou três vezes, eles disseram: “Não, como é que eu posso fazer mestrado?”, já estavam me perguntando.

K.K. – Eles certamente vão ser professores dos professores do ensino médio.

G.V.B. – De ensino médio! Quer dizer, curiosíssimo, não é. Mas, bom, de toda forma...

K.K. – Mas isso provavelmente, por ser UFRJ, por ser um lugar tão central, assim... quer dizer, conquistar uma vaga nesse lugar também não pode... Você tem que ter uma ambição maior em função disso?

G.V.B. – Acho que sim. Acho que os diferencia sim, essa vaga na UFRJ, a turma é uma turma boa e me lembrei muito dos meus alunos de Moçambique porque o que... Diferentemente, eles têm diferenças desses alunos, mas eles precisavam ter mais uma tutoria para chegar a um determinado nível, porque eles têm interesse, eles querem aprender, mas giz falta, eles têm alguns problemas, problema de escrita, por exemplo. Tem grande. Então, seria preciso... Até fizemos isso no programa de iniciação científica, não sei se a Yvonne contou na entrevista dela, nós tínhamos professores de português!

K.K. – Não, ainda não.

G.V.B. – Para todos ali que quisessem, porque falta, quer dizer e isso existe, por exemplo, na PUC, no Direito, tem aula de Português instrumental. Então eu acho que precisavam mais por serem melhores e a ideia, o impulso foi esse. Só para terminar, com relação a esse interesse e a concepção desse projeto de licenciatura, quer dizer, havia mais, havia uma pressão muito grande dentro da universidade de expansão e essa pressão da expansão estava muito ligada a abertura de concursos, isso bem pragmaticamente, também há um momento, uma conjuntura, onde aquilo era importante; ou você amplia, você abre vagas, mas você também expande de uma determinada maneira, não é o momento de uma expansão de uma pós, mas no momento de expansão na graduação. Existe isso também, naturalmente, não vai se dizer que isso não existiu quando se pensou esse projeto e eu acho que é isso.

K.K. – Gláucia, obrigada, você quer falar alguma coisa que a gente não perguntou? A gente sempre termina com essa pergunta por que às vezes o entrevistado... Acho que a ideia...

G.V.B. – Era das pesquisas, que eu não sei se falei muito, mas não sei, acho que na próxima a gente pode...

K.K. – Não... Vamos falar um pouquinho então, a gente falou um pouco, mas acho que a gente podia falar um pouco o que você está pesquisando agora... A gente falou do *Mavignier*, a gente falou da tua pesquisa da graduação, mas acho que podia falar um pouco dessa pesquisa da Maria Isaura, que é até uma coisa que tem a ver... Essa você com certeza não falou...

K.K. – Conta um pouco dessa pesquisa, o que você está imaginando e do livro talvez, que você esteja fazendo... O livro você também não falou explicitamente, eu acho...

G.V.B. – Eu tenho esse projeto que é escrever um livro sobre o campo artístico no Rio de Janeiro na década de 50 e sobre as mudanças havidas. Continuo, como socióloga, sempre interessada e muito curiosa... Como é possível haver uma mudança? Sempre tenho uma curiosidade, acho que isso não vai me largar. Toda a minha pesquisa tem essa questão principal, muito ampla, naturalmente... Então, eu tenho esse projeto. É curioso porque quando eu fiz esse projeto, esse projeto sobre a sociologia da arte, quer dizer, na área da Sociologia da arte, sobre o campo artístico carioca na década de 50 e as mudanças de uma pintura figurativa para o concretismo, eu já pensava, eu fiquei na dúvida se eu fazia um projeto de revisão da obra da Maria Isaura. Eu me lembro que tive uma dúvida muito grande e pensei “Ah, bom, se eu entrar, enveredar pela Sociologia da arte, eu vou ter que estudar mais, vou ter que me dedicar mais”, que é o que você faz sempre do seu... Do que eu vinha fazendo. Mas de toda forma eu fiz isso, mas não consegui largar essa pesquisa sobre a Maria Isaura, pelo seguinte motivo: eu acho que a Maria Isaura tem uma obra diferenciada na época, na sua época, ela tem uma obra diferenciada que chama a atenção. Ela não se torna um paradigma, ela não se torna um modelo, ela tem uma obra que é aceita pela História,

que é lida na História, lida na Antropologia, lida na Sociologia, na Ciência Política e parece que ela se espalha pelas disciplinas e há muito pouca memória, também, dessa... Todas as pesquisas dela muito publicadas no exterior, foi uma coisa que eu vi, era muito respeitada na Alemanha, pelos pesquisadores, na França, na Inglaterra, enfim. Mas o motivo principal que me leva a fazer isso é que eu acho que a Maria Isaura levantou questões, naquela época, que eram questões que apunham na contramão de sua época. Um exemplo: Maria Isaura nunca foi favorável ao determinismo, a uma visão determinista da história, uma visão teleológica da história, muito menos a um determinismo social. Hoje eu abri, ontem eu abri uma ementa para o próximo Congresso Internacional de Sociologia e está escrito assim: “o determinismo acabou” [riso]. Quer dizer, é uma questão que na época não era aceita, muito menos você não usar, outra questão, um modelo ideal de sociedade para estudar. É como o modelo ideal de Ciências Sociais para se pensar Rio-São Paulo. Uma medida. Mas se usava o modelo ideal de sociedade, que chegaria o Brasil aquela sociedade de classes, racional, com base na ciência, etc. Ela brigou com muita gente, na verdade, por que ela disse “não uso esse modelo”. Terceiro, brigou com muita gente porque ela lia Silvio Romero, ela lia Manuel Querino, Nina Rodrigues, os que eram considerados pré-científicos. Então, ela os incorporou. Pelo menos nessas três... E mais na questão política, quando ela diz que no Brasil, o voto não é voto de cabresto, que o voto é uma barganha, aquilo choca imediatamente com o livro “Coronelismo, enxada e voto”, do Victor Nunes Leal, que tinha escrito antes dela, inclusive, e o fato de também, outra questão conceitual, que ela diz, o Brasil, “não podemos ainda estudar o passado brasileiro com classes sociais” e o Caio Prado faz isso, ela diz, “na verdade não é possível fazer isso, não existiam classes, existiam parentelas”. Então ela vai muito, ela caminha demais contra a corrente. Então, eu tenho uma hipótese, e essa hipótese está me perseguindo [riso], realmente. Eu tenho uma hipótese que com as mudanças havidas nas ciências sociais e mudanças havidas na sociedade, algumas questões da Maria Isaura, talvez possam ser relidas e possam vir a contribuir para o andamento da pesquisa. Isso assim, muito sinteticamente, mas...

K.K. – E acho que há grupos fazendo isso, Maria Laura com a parte da cultura popular, Beatriz Herédia, com a parte da política. Já há de fato amostras dessa reapropriação mesmo, de colocá-la... Na Antropologia política, isso é claro, ela foi considerada a precursora do

que se chama hoje Antropologia política, antropologia da política brasileira contemporânea. Ela foi, enfim, uma mãe adotiva, entendeu? [riso] Completamente, assim...

G.V.B. –Então nesse sentido... Eu imagino que vale a pena rever a obra dela. Isso é uma outra coisa que eu acho que eu não vou fazer, mas que é muito curioso, que muitos têm muita curiosidade com relação a vida da Maria Isaura, mas é... Às vezes eu que falei em público, isso suscita uma curiosidade muito grande. Então, dessa vez – eu estou até preparando algumas coisas assim mais da vida mesmo da Maria Isaura – dessa última vez em Brasília também, depois da exposição, vários queriam saber, então tem essa questão. Tem uma questão que a Maria Isaura era muito braba [risos], então poucas pessoas podiam se aproximar porque... Vários me contam que foram alunos da Maria Isaura e que era difícil e eu mesma sei que é. Era muito difícil. E ela tinha como um valor para ela muito forte não falar sobre si, não dar entrevistas. Quase que era uma... Eu recordo que uma vez ela veio muito feliz dizer que tinha negado uma entrevista ao Daniel Pécaut, que estava justamente fazendo sua pesquisa sobre os intelectuais brasileiros. Então isso criou uma dificuldade, mesmo, de entender, de fazer a relação da trajetória dela, com o pensamento com a obra e mais recentemente eu estou com uma ideia, mas acho que outros vão fazer isso, que é pensar os três ciclos que a Maria Isaura conviveu. Na França, durante um longo tempo, tanto ela estudou quanto ela pesquisou e ela publicou, muito, na cidade de Paris, depois da guerra, e isso foi ainda algumas décadas; no interior da Bahia, que é em Santa Brígida, perto de Alagoas, mas também em Jerimoabo, no município de Jerimoabo, e daí no interior de São Paulo também, mas acho que a Bahia e amizade dela com o Tales de Azevedo é alguma coisa que precisa ser realmente examinada. Era tão forte que a Maria Isaura *não foi* receber uma homenagem feita pela Unesp, que era aniversário do Tales e tinha que ir ao aniversário do Tales [riso] e não foi à homenagem que estava sendo feita a ela lá na Unesp. Muita gente ficou braba por causa disso, mas mostra como ela prezava a Bahia e o Tales de Azevedo.

K.K. – Ou também não querer ser alvo de...

G.V.B. – E também não querer ser alvo de críticas!

K.K. – E quem não tem um pinguinho de vaidade para dar uma entrevista é não querer ser... [riso]

G.V.B. – Não é? E também não quer [riso]. E o outro era o ciclo de São Paulo, que se torna na memória das ciências sociais a grande escola paulista com Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso e, enfim, vários sociólogos importantíssimos e que ela não... Ela está fora, mas que ela conviveu ali e como diz o... Tem um depoimento do Florestan que diz “Ah, e nós formamos esse grupo e Maria Isaura estava nesse grupo e depois ela seguiu sua bela carreira” [riso]. Então, examinar melhor, para além de uma memória que está sendo feita na Universidade de São Paulo, essa trajetória dela, em São Paulo, em Paris e, sobretudo, no interior da Bahia, quer dizer, isso é uma... Eu deixo para os outros fazerem, mas é uma ideia que está assim, um pouco me instigando, me persegue e eu estou começando a reunir alguns materiais e tenho vontade de escrever talvez... Não tanta coisa, mas talvez sobre isso.

K.K. – Desse arquivo que a Maria Laura tem no IFCS, também deve ter material interessante... Ou não?

G.V.B. – Até onde eu conheci, tinha muita coisa sobre o Williams, na época e eu estava muito interessada, mas eu depois tenho que conversar, não conversei com a Maria Laura ainda sobre isso, mas tenho vontade de conversar. E devo dizer que tem, o Lucas Correia Carvalho, que é orientando do André, que vem fazendo trabalho sobre a Maria Isaura lá no IFCS. Tem a Aline Marinho, que esteve, fez um pós-doutorado na França, então, foi muito interessante porque ela entrevistou vários sociólogos franceses e se debruçou mesmo sobre a parte francesa das influências que a Maria Isaura recebeu, o que ela ensinava... É uma tese de doutorado que a Aline está fazendo. E, enfim, tinha uma pequena tese de mestrado da Elieni, uma aluna minha que se focalizou mais Santa Brígida, a viagem de campo de Maria Isaura. Enfim, temos alguns materiais...

K.K. – E o seu livro, Glauca? Você disse que estava terminando, querendo terminar um livro. Que livro é esse?

G.V.B. – Não, estou querendo terminar, mas esse aí não é a Maria Isaura porque a Maria Isaura agora veio...

K.K. – É, acabei de registrar...

G.V.B. – E não, esse livro é realmente sobre...

K.K. – Já tem nome?

G.V.B. – Não, eu até pensei no nome da Maria Isaura, “Escolhas Singulares”, que eu vim pensando [riso] porque eu apresentei esse trabalho sobre Maria Isaura, aí deixa um pouco o outro de lado. Não, não tem um título ainda, eu estou começando a ver os capítulos e eu vou partir realmente desse encontro de críticos com artistas no ateliê do Engenho de dentro, [INAUDIVEL] da Dr^a Nise da Silveira também, mas daí eu vou puxar alguns fios a partir deles mesmos, com o Ivan Serpa, a parte do ensino da pintura no MAM, e como é que isso chega até o neoconcretismo. Mas o interessante que existe no Rio é que você tem a Escola de Belas Artes, que continua viva e fazendo muita coisa; você tem o grupo dos modernistas de 20, tem o Portinari e Di Cavalcanti e outros; e eu estou estudando justamente esse grupo que não estudou com Portinari, que não estudou na Escola de Belas Artes e que aprendeu muito com os estrangeiros que vieram durante a guerra, alguns pintores e seu uniram a essa figura de Mario Pedrosa que tinha eu acho que um projeto de renovação das artes. Então é um pouco nesse sentido que eu quero ver como quem tinha autoridade, se foi a crítica, mas quem se investe de uma autoridade pra executar, digamos assim, um projeto de mudança numa concepção de arte, quer dizer, a minha questão é um pouco essa, que ainda está muito... Ainda tem que estudar e pensar mais, mas é nessa direção que eu estou pensando em escrever o livro.

[FIM DO DEPOIMENTO]